

O lago do labirinto solitário

Arthur Silva Sacramento

Todos os direitos reservados

2025

Ainda que a fé seja a única coisa que nos reste não veremos isso com maus olhos.

Mesmo que a fé não fosse a coisa mais bonita do mundo, nem a mais prazerosa, nem a mais persuasiva, mas ela continua sendo a mais resistente e resiliente. A fé parece que não existe para convencer, mas para resistir. Resistir para ser a última coisa a cair.

Todos os dias eu durmo no deserto. Mas, durmo tão bem como se estivesse em um palácio ou nas nuvens. Todos os dias eu durmo em um palácio, mas tão mal como se estivesse no deserto.

A questão não é saber o quanto o mundo é um lugar bom ou ruim. Mas, o quanto conseguimos perceber ou sentir as coisas boas dele.

A questão não é saber o quanto o mundo é um lugar bom ou miserável. Mas, apenas o quanto conseguimos resistir.

Quanto tempo é necessário viver até perceber que o paraíso e o inferno existem nesse mundo mesmo? E a distância entre eles é quase nenhuma.

Quero descobrir o que há no fundo da minha alma ou consciência. Apenas monstros, escuridão, luz ou nada? Apenas para saber que em alguns lugares o silêncio é o paraíso e em outros é o inferno. Apenas para saber que a distância entre o inferno e o paraíso se torna cada vez menor.

A minha única vitória é enquanto caio no abismo. A minha única vitória é o momento em que não sinto dor na guerra infinita e sem fim. A minha única vitória não é vencer a guerra ou nenhum inimigo, mas apenas a mim mesmo. Todos eles caem sozinhos, seja pela ação das próprias mãos ou do tempo.

Se eu usar as mesmas armas do que eles acabarei derrotando a mim mesmo.

Se eu usar a mesma arma do que eles acabarei me tornando igual ou pior do que eles.

O pior erro deles é achar que eu sinto medo. O pior erro deles é não perceber que o meu mundo é completamente oposto ao deles. A sombra deles não consegue me engolir. Não importa o quanto tentem ou persistam a sombra deles não consegue me destruir. No lado de fora tudo parece escuro ou morto e é por isso que eles se acham superiores ou vencedores. Mas há luz no lado de dentro. Em mim deve haver uma minúscula luz que nenhum deles quer ou consegue enxergar.

O silêncio, o desprezo e a indiferença deles é a pior coisa que pode existir no mundo. É o veneno e odor que contamina e torna algoz quem está perto. O mundo serve apenas para defende eles. Mas, não é o suficiente para interromper minha jornada. Afinal de contas, como se pode derrotar algo que não se conhece? Como se pode pisar ou envergonhar algo desprovido de forma? Apenas uma lama que quanto mais eles tentam pisar mais acabam

deixando seus pés e almas vulneráveis, mais são engolidos. Uma areia movediça ou idéia não tem ego. Uma luz que eles fogem para não se tornarem mais cegos do que já são.

A única coisa que quero saber é se minha fé é maior do que toda solidão que existe ou já existiu nesse mundo. A única coisa que preciso saber é se o amor ou sensualidade dela são maiores que todos os sofrimentos que existem ou já existiram nesse mundo.

A minha fé é maior do que a infinita solidão do mundo. A sensualidade dela é maior do que o infinito sofrimento que existe no mundo.

O mundo não nos torna reféns ou escravos da sua miséria ou solidão embora seja a única coisa que ofereça. O mundo não é maior do que a nossa vontade. O mundo não é maior do que o nosso amor ou loucura. O mundo não é maior do que a minha fé.

Eles são o tempero dessa vida. Chamam a vida de morte. Chamam a escravidão de liberdade. Chamam o nada de tudo. Chamam o veneno de remédio. Chamam a covardia de justiça. Chamam o desejo de algo imoral ou podre. Chamam a solidão de desonestidade. Chamam a miséria de salvação. Chamam o silêncio de superioridade.

No fundo eu compreendo eles. Eles têm medo do caos que o mundo é. Eles têm medo da loucura que pode ser a luta da mente contra o próprio corpo. Eles têm medo do lugar frio e indiferente que pode ser o universo. Um lugar sem nenhuma fuga ou refúgio. Um lugar sem nenhuma mentira. Como poderiam enfrentar ou suportar a realidade sem nenhuma mentira? Sem nenhuma máscara? Por isso todas as suas lutas e revoluções se apóiam sobre coisas vazias. Eles não acreditam em Deus, em nenhuma espiritualidade, mas tem fé o suficiente para acreditar em uma falsa superioridade. Eles têm “fé” que ninguém pode fugir das suas correntes ou pântanos imaginários. Eles têm “fé” de que a palavra deles vale mais do que a de Deus ou de algum deus que já existiu. Querem derrubar Deus para ficar no seu lugar? Pensam que suas palavras, e às vezes o seu silêncio, são coisas absolutas ou universais, mais do que o verbo divino. A fé que eles têm na linguagem ou em sua “superioridade” seria maior do que a fé que qualquer cristão ou místico já sentiu nesse mundo. Tem “fé” o suficiente para acreditar que todos se importam ou querem ouvir eles. Eles têm uma fé em sua superioridade maior do que qualquer louco já sentiu em sua loucura. Eles têm “fé” o suficiente para nunca ter conseguido enxergar nenhuma luz ou sombra ao seu redor.

Eles pensam que para vencer a guerra é preciso ser bom somente naquilo que eles são bons: Na força e na covardia. Ou melhor dizendo, melhores não na força, mas apenas em número. Eles pensam que armadilhas não são coisas boas apenas porque não sabem usar e querem nos convencer disso. O pouco ou quase nada que eles têm é o suficiente para inflamar a sua arrogância e mostrar o monstro que são. Essa armadilha não é um mérito do inimigo, mas apenas a incompreensão e ignorância que se tem sobre si mesmo e sobre o inimigo que se quer pisar, ignorar, humilhar ou desprezar a custo de nada. As coisas só se tornam interessantes ou divertidas, só há um sentimento de “justiça” ou “reparação” quando a necessidade se impõe, quando a realidade se impõe e agora todos os seus amigos, hienas e corja se tornam o seu inimigo. O império desmorona. A mentira deixa de ser tabu ou imposta. Os honestos não precisam ter mais vergonha de mostrar o rosto. O poder é algo perigoso

porque pode destruir a si mesmo. Quando o poder destrói a si mesmo em quem se coloca a culpa? Sempre em quem não tem poder ou culpa alguma.

Na vida somente pode existir uma coisa pior do que a morte. A desistência.

Quanto mais eles pisam em mim mais eu resisto. Quanto mais eles riem de mim mais sustento minhas idéias e princípios. Quanto mais sou inexistente para eles mais eu luto e mais persistente sou. Não por pirraça. Não por bondade ou justiça. Não por vingança. Mas, apenas por indiferença. Por que sentir culpa quando se combate apenas monstros com a aparência de anjo? Falsidade essa que é tudo aquilo que o mundo deseja e defende.

Essa luta espiritual devasta e cansa o corpo e a alma mais do que uma luta física. Esse veneno sutil contamina a todos. E quando se abre os olhos já se tornou igual a eles.

Tais indivíduos sem nada e apenas com um falso senso de superioridade são os guardiões do mundo.

Quando se vai muito fundo demora um pouco para voltar até a superfície. Essa volta pode ser lenta, delicada ou desconcertante.

Como podem calar aquilo que não podem entender?

Nessa vida aprendi somente que não devo subestimar nenhuma coisa. Não devo subestimar meus sofrimentos ou dos outros. Não devo subestimar o quanto posso ser bom ou injusto. Não devo subestimar a força do amor ou da solidão. Não devo subestimar meus inimigos e principalmente aqueles que eu acho que são amigos.

Nossas lágrimas não são a nossa fraqueza. Mas, são nossa força. Ainda não morremos junto com o mundo.

Ter chegado até aqui parece ser a única vitória. Ainda que não restasse nada para ser dito. Ainda que não restasse mais nada para ser destruído. Nenhum sussurro ou riso.

Se até mesmo um santo poderia sentir a tentação de se tornar um assassino como eu poderia julgar eles da mesma forma que me julgam?

A única coisa que me deixa contente é que eles odeiam a vida, mas nunca conseguem derrotá-la.

O mundo nunca oferece um caminho. Mas, eles não deixam de florescer ou nascer na alma ou consciência. Ainda que no lado de fora só exista escuridão.

Somos opostos. Não temos nada em comum. Mas, ainda estamos vivos. Buscamos pela salvação? Buscamos pelo desejo? Buscamos pela redenção? Buscamos pelo ouro da esperança e liberdade? Ou buscamos apenas pelo nada e pela paciência injustificável?

O caminho deles é bom para eles, mas não é bom para mim. Mas, não é bom para nós.

Eles pensam que todos querem ou devem seguir o caminho deles. Mas, estão enganados.

Às vezes se encontra luz aonde se esperava encontrar apenas trevas e escuridão. Às vezes se encontra escuridão aonde se esperava encontrar luz. Descobrimos as coisas nos lugares opostos em que elas deveriam estar. Porque somos curiosos e petulantes. Porque nossas máscaras ainda têm algo de ingênuo.

O que fazer quando no mundo não resta mais nenhum amigo ou inimigo? Não resta mais nada que possa ser destruído ou construído? Não resta mais nenhuma guerra ou motivo para lutar?

Nasci no tempo errado. Nasci no tempo onde não sobrou nada que posar ser destruído e muito menos construído.

Após a chuva ou tempestade o tempo se torna sempre mais ameno e leve.

Eu teria que ter coragem ou leveza para ler Rumi e perceber que cada gota não é o fim. Mas representa apenas um novo oceano. Cada gota é um pequeno oceano onde está contida uma parte do amor perfeito e uma parte do universo infinito.

A minha única salvação, purificação ou santificação é a minha libido.

Ela é uma mulher contraditória. Porque apesar de exalar santidade e bondade seus olhos permanecem sempre sensuais. Ela tem a bondade de Deus com a sensualidade do Diabo.

Ela é angelical, mas tem libido. Ela tem uma libido angelical. Uma libido que não geme. Uma libido que não se vende. Uma libido que apenas fecha os olhos. Uma libido que apenas se ajoelha e olha para o infinito.

O lugar onde a luz toca a escuridão.

O infinito tédio, fome e fraqueza que constituem a vida, o que poderia salvar ela apenas por um instante? Apenas o desejo sexual. Ainda que nunca realizado ou concretizado. Apenas imaginado ou sentido.

Eles pensam que a parte mais sensual para o homem são os seios, as nádegas ou a genitália. Mas, para mim a parte mais sensual do corpo dela é o olhar dela. A parte mais sensual dela é a dança dela. A parte mais sensual que eu acho no corpo dela são todas as miragens e adornos que ela utiliza.

Imaginar todos os sofrimento dela. Imaginar toda a bondade ou força dela. Não poderia ser algo tão belo quanto imaginar o corpo dela totalmente nu?

E ainda que o desejo morresse no corpo, ele não poderia permanecer sempre vivo na alma ou na imaginação?

Para alguém falar mal da vida ou da existência é porque nunca conheceu na vida algo maior do que a própria vida. Uma mulher que tivesse a ética de um anjo, mas o corpo de um demônio destruidor. Uma mulher que tivesse o corpo feito de seda, mas o coração sempre feito de fogo. Uma mulher que tivesse a bondade e compaixão de Deus, mas a pele e a saliva tão irresistíveis quanto a do Diabo.

Para alguém falar mal da vida ou da existência é porque nunca conheceu na vida algo maior do que a própria vida. Ainda que fosse a fé. Ainda que fosse o nada ou o amor.

Todas as ilusões irresistíveis não nos permitem ser Deus ou meros animais. Não nos permitem apenas o sofrimento ou o esquecimento. Não nos permitem ser apenas vítimas ou apenas culpados. Ser apenas monstros ou anjos. Pois até mesmo os monstros ou demônios podem sentir ou ver o paraíso efemeramente enquanto a sua pele purifica outra pele. Ou mesmo a própria.

Nasci no tempo onde Deus e todos os seus substitutos morreram. O amor morreu. O dinheiro, o trabalho morreu. A linguagem morreu. O mundo morreu.

A morte de Deus não levou consigo apenas todas as coisas fúteis. Mas, também todos os meios e finalidade morreram. Isso significa que não apenas as coisas perderam seu valor intrínseco, absoluto, universal, objetivo ou inquestionável, como também todas as migalhas, esmolas e chantagens em troca delas se tornaram um enfado maior do que elas próprias e não uma recompensa ou alívio.

Desde então todas as brincadeiras permaneceram as mesmas, mas perderam a graça. Não há mais espírito nem para criar novas e nem para se deleitar com as existentes. Tudo o que poderia ter sido criado já foi criado. Tudo o que é criado já nasce velho. O mundo morreu.

Que mal haveria em um pequeno fetiche se ele fosse como uma pequena estrela em um céu absolutamente escuro, frio, selvagem e indiferente?

Como eu posso ser o homem que gosta tanto da garota que ri de tudo tão fácil quanto daquela que nunca ri de nada? Como eu posso ser o homem que quer ouvir as histórias do maior e mais cruel carrasco que já existiu, ouvir suas vitórias, sofrimentos e superações enquanto do outro lado se aproxima um jovem tão doce, gentil e afeminado? Como eu posso ser o homem que quer ver o que há por detrás de cada máscara? De ver o que há na alma de cada um sem medo ou preconceito. Por detrás da máscara da prostituta. Por detrás da máscara do louco. Por detrás da máscara do santo. Por detrás da máscara do criminoso. Por detrás da máscara do suicida.

Nosso único consolo, seja ele honesto ou desonesto, é tentar inverter um pouco as coisas. O único prêmio é que não houve prêmio. O único amor ou romance é que não houve nenhum, apenas faíscas. A única glória ou lembrança é que não foi deixada nenhuma memória ou legado.

Tal excesso de melancolia. Tal excesso de carne. Seria o tempero final, o mais apimentado e irresistível? Que a vida é um infinito sofrimento e uma infinita miséria é algo indiscutível. Mas não há nada no mundo que pague um preço justo ou compense esse sofrimento? Algo que se materializa sempre em uma pele morena ou bronzeada. Sempre em um contraste de uma cor pálida e uma preta. Olhos sempre sensuais. O infinito sofrimento ou miséria só poderiam ser compensados por uma sensualidade tão brutal o quanto. A libido, que muitos consideram um escândalo ou um pecado, é a única coisa que descasca e revela os mistérios desse mundo. Nosso mundo é uma imensa mentira, uma grande farsa que só mostra uma pequena e

temporária verdade quando a libido pinga. A libido é a única coisa boa e verdadeira que existe no mundo. O desejo sexual purifica o indivíduo e o mundo.

Apenas um desejo seria a salvação ainda que infinitamente solitário. Apenas um desejo seria a salvação ainda que loucamente ou cruelmente compartilhado.

Mesmo que eles fechem os olhos o Sol não vai deixar de brilhar.

Mesmo que eles fechem os olhos a Lua dança misteriosa e sensual.

Assim como o Sol e a Lua tem uma beleza diferente, o amor e a solidão têm uma beleza diferente. A garota que tem o brilho do sol. A outra garota que tem o brilho da lua. A beleza das sombras e das cavernas é diferente da beleza dos feixes de luz e dos espelhos. Tal como é diferente a da vida e a da morte.

Não posso esperar o desejo nascer. Ou então, será tarde demais.

Deus é sempre visto e associado com a imagem de um homem. Porque nunca de uma mulher? O que a mulher tem que não é nobre ou honroso para que sua figura não pudesse representar o universo? Ela tem as qualidades de Deus sem seus defeitos, ela tem as qualidades do Diabo sem seus defeitos. Ao mesmo tempo em que ela é bondosa ela é sensual.

A maneira que ela abriu e arreganhou as portas da casa dela para mim de maneira tão ampla, tão aberta, tão elástica, tão esticada apenas para que pudesse salvar meu gato. Isso não refuta que todas as mulheres são iguais? Isso não deveria ser uma prova de que nem todas as mulheres são mal caráter e covardes?

A minha suposta inteligência ou boa vontade são apenas uma corrente. A minha liberdade é algo mais pesado do que as correntes da prisão ou escravidão. Porque às vezes ela aponta para lugar algum. Porque às vezes ela aponta suas espadas ou flechas contra si mesma.

Ela é uma mulher contraditória. Porque ela cedeu sua vida a Deus. Mas, a maneira como ri ou se entusiasma parece com as das garotas que gostam de coisas apimentadas.

A solidão não é um ideal. Não é uma solução, a salvação ou um protesto. A solidão não é algo bom e nem ruim. A solidão, ainda que curta, efêmera ou psicológica é apenas algo inevitável. Tão inevitável quanto a morte.

Eu não preciso me sentir triste ou fracassado. Pois, toda a melancolia que eu não saberia como dizer ou escrever em palavras ele disse em forma de música. Toda beleza que eu não saberia dizer em palavras está no sorriso dela ou em como ela me percebe ou me nota. Toda cura ou salvação que eu seria incompetente ou incapaz de escrever a respeito estaria em um sentimento de tranquilidade ou fé mesmo diante da infinita solidão ou da maior solidão que jamais existiu. Tudo o que eu não poderia ou não saberia dizer poderia ser dito com um abraço ou em ser notado ou percebido de maneira tão serena.

Qual é o sentido de querer continuar vivendo uma vida miserável? Isso é uma arte. Continuar vivendo uma vida miserável até o seu final natural é como pintar um quadro apenas usando as tintas preto e branco, mas ele nunca ficará pronto e completo se não for até o final, até a

última pincelada e assinatura. Cioran e Shopenhauer são os nossos grandes artistas. São os maiores artistas de todos os tempos.

De todas as coisas que existem nesse mundo somente três foram boas na minha vida. A minha mãe, a minha gata e uns dois amigos.

E a única coisa de bom que eu poderia ter feito na minha vida era tentar não ser um peso para eles.

Contra a vida estão todos os argumentos. Mas ela persiste e continua em movimento.

O maior sofrimento não é a falta de escolha, mas ter uma escolha. A maior punição não é o aprisionamento, mas é o excesso de liberdade.

O que torna a vida interessante é poder encontrar os outros nos piores momentos deles enquanto estamos nos melhores. O que torna a vida doce é poder encontrar os outros nos melhores momentos deles enquanto estamos nos piores. A última coisa que se pode fazer é esperar por um milagre. É lutar mesmo sem saber o resultado de amanhã.

Conseguir ter um amigo ou ser meramente compreendido já é um milagre.

Quanto mais o tempo passa menor é o brilho do ouro e da prata deles sujos de sangue. Eu não sei se é o brilho do ouro que diminui com o passar do tempo ou apenas meus olhos que se tornam mais cansados, velhos, desinteressados ou indiferentes. O que parecia valer muito agora vale pouco. O que parecia valer muito agora vale nada.

Não há alternativa a não se lutar. E sempre esperar.

Os gritos não serão ouvidos. Os protestos serão ignorados, esquecidos ou ridicularizados. A única coisa que vai sobrar ou restar é a fé.

Tudo no mundo vai morrer. Tudo no mundo já morreu. Mas a única coisa que permanece viva é a minha fé.

O que é um *covarde*? É quem julga os outros por aquilo que eles não tem culpa. É quem julga os outros por aquilo que eles não podem mudar.

Quem na vida nunca foi covarde ou injusto? Seja por falta de escolha ou por excesso de sinceridade e objetividade.

O maior crime que eles cometeram foi o silêncio. O silêncio e a ausência foi o pior crime que eles poderiam ter cometido.

Como se pode derrotar algo que não existe ou nunca existiu? Como se pode derrotar algo que é pequeno demais para ser percebido ou apontado?

Como se pode derrotar algo que não se consegue compreender? Como se pode derrotar algo que está sempre mudando, em movimento e nunca permanece a mesma coisa ou no mesmo lugar?

Como se pode cortar ou proibir as asas se elas estão em todos os lugares? E se sem elas o mundo não é nada.

Como se pode derrotar algo que é apenas o próprio “eu”? Como se pode derrotar algo que são apenas as próprias palavras?

O instinto deles é derrotar, derrubar e destruir tudo o que vêm pela frente. Menos a própria falsa superioridade.

Nós perguntamos o que deveríamos ter feito para conseguir alguma migalha deles ou seu aplauso vazio? Na verdade, nada que seja oferecido eles querem. Eles não querem nada. E é um erro nosso nos culpar por isso.

O que eles falam não tem importância. O que eles reclamam não tem sentido. São apenas as consequências das ações e escolhas deles e nada temos a ver com isso. Eles têm uma crença absoluta que as reclamações ou reivindicações deles são vistas como algo sério, fundamental ou importante para todos, ao invés de arrancar risos ou desprezo. Riso e desprezo que é censurado ou mal visto, como se eles fossem seres humanos superiores ou intrinsecamente melhores do que os outros. No fundo eles não querem uma solução, querem apenas reclamar, contaminar e pisar nos outros. É a revolução pela revolução, a revolução vazia que destrói todas as coisas desse mundo, menos o seu falso senso de superioridade. O fundamento que move o mundo não é apenas pagar uma injustiça com outra injustiça? Mas, o mundo está sempre a favor deles. O mundo está sempre a favor dos covardes. Somente os problemas deles importam, os nossos não. Somente os problemas deles são ouvidos ou tem importância. Eu me pergunto se o mundo não se importa com nossos problemas porque sabe que somos fortes ou apenas porque o mundo é um lugar infinitamente ridículo e desprezível.

O prazer deles quase que sexual é justamente pelas falácias, pelo comportamento passivo-agressivo, pelas revoluções vazias, o conflito pelo conflito, a covardia gratuita. Se tudo no mundo estivesse em ordem eles se sentiriam entediados, perderiam a sua razão de ser e a justificativa da sua existência. Assim, eu chego até a conclusão de que o sentido da vida para eles é apenas atrapalhar quem está quieto no seu canto ou feliz. O sentido da vida deles é negar a vida dos outros, independente de isso causar algum benefício ou prejuízo para eles, exceto uma sensação de superioridade. O sentido da vida deles não orbita na própria vida, mas na vida dos outros. Por isso observam até mesmo aquilo que nunca foi feito, dito ou não existe. Por isso até mesmo o silêncio ou o nada é algo que incomodam eles.

Sim, eles são muito superiores a mim. São obrigados a frequentar o mesmo lugar. São obrigados a comer a mesma comida. A minha única curiosidade é saber se a masturbação é a mesma ou como ela é.

Mesmo assim, a minha preocupação ou incômodo com a vida sexual deles é a mínima ou nula.

Quando se faz a mesma coisa que eles se é punido com um riso histérico, com afastamento e caras de nojo e desprezo. Com a mais profunda solidão. Justamente por oferecer a eles apenas a mesma coisa que eles oferecem: O nada.

Independente de ser culpa nosso ou deles, estar com eles ou deixar eles nos conduzir nunca leva até lugar algum.

Essa é a assimetria que move o mundo. O mundo tem o direito de nunca oferecer nada, mas de tudo cobrar do indivíduo.

Para a grande maioria das pessoas as coisas do mundo não têm nenhum valor ou importância se não oferecerem em troca alguma migalha, esmola, falsa promessa ou falsa salvação. O combustível do mundo é a chantagem, a manipulação. Mas, o que fazer quando tais migalhas, esmolos, falsas promessa ou salvação perdem totalmente o brilho, valor ou importância?

O que fazer quando o corpo antes vendido ou prostituído a preço de nada hoje não aceita nenhum valor para isso?

Cada um defende aquilo que convém. Alguns mentirosos são aplaudidos, enquanto outros são marginalizados.

Todas as fronteiras e divisões que existem no mundo são falsas.

Desde sempre existem divisões no mundo. Os fortes e os fracos. Os justos e os injustos. Os ricos e os pobres. Os virgens e as prostitutas. Mas, por que tais divisões sempre existiram e vão continuar existindo? Tais divisões são falsas não apenas porque o que é força para uns pode parecer fraqueza ou covardia para outros, o que é justo para muitos depende das circunstâncias ou de quem é a vítima ou o beneficiado, o que é valioso para uns é ostentação e inútil para outros, o que é verdade para uns é mentira para outros ou uma questão de sobrevivência, educação ou omissão, e também nem todos os atos causam os prazeres imaginados e às vezes a imaginação causa mais prazer, prostituir a alma pode ser algo mais carnal do que prostituir o corpo. Tais divisões são falsas não só porque cada indivíduo pode julgar, ver ou considerar elas de maneiras diferentes, mas principalmente porque elas apontam para algo na realidade ou no mundo que não existe, que é arbitrário ou sem valor intrínseco. Dependendo de quem julga o herói pode ser sempre o vilão ou vice-versa. Tais distinções sempre foram úteis e importantes na história da humanidade, principalmente para os espíritos mais medíocres, já que, eles não conseguem se sentirem felizes ou satisfeitos se não pisarem ou se sentirem superioridade a alguém, ainda que não sejam nada.

Eu não quero mais ser um ídolo em um lugar onde não há mais ídolos e em um mundo onde os ídolos se tornaram desnecessários. Com a pornografia cada um se tornou a sua própria prostituta. Com o comércio da religião cada um se tornou o seu próprio Deus. Com a queda de Deus e de todas as narrativas centralizadoras, únicas ou universais a liberdade se tornou o único ideal absoluto e sagrado, ainda que ela não leve a lugar algum, ainda que ela seja mais pesada do que correntes de ferros ou do que a própria escravidão. Ainda que tal liberdade destrua todas as coisas e até a si mesma. O absurdo hoje se tornou algo normal e apenas uma questão de gosto pessoal ou privado, e quem julga se torna o insensível, o intolerante, o ultrapassado ou o covarde da história. A liberdade encontra o seu último refúgio ou salvação não no sexo ou na masturbação, mas no florescimento ou início de um desejo ou libido, mesmo que nunca sejam realizados. Nem mesmo esse impulso vital saiu ileso da queda de

todas as verdades absolutas e universais, da queda de Deus. Ele é apenas o último a cair, mas cai. Nem mesmo ele carrega algo de absoluto ou intrínseco em si.

Se dividir as coisas do mundo entre aquelas que existem e aquelas que não existem pode causar confusão, dúvidas ou argumentos circulares, então, para simplificar, poderíamos dizer o seguintes: Nada no mundo tem valor, sentido ou importância intrínseca independentemente de existir ou não. Independente de preceder a existência ou não.

O amor é algo que enriquece a vida ou apenas lhe torna mais melancólica? O amor dificilmente é um sentimento puro. Ele pode carregar consigo certa culpa, sentimento de impotência, frustração, raiva, vergonha, saudade etc.

Eu não tenho nada a reclamar de Deus. Enquanto ele quiser me presentear eu aceitarei. E quando não quiser eu não serei ingrato.

Não existe outra coisa no mundo senão arbitrariedades e labirintos. Por detrás deles ou delas não há nenhuma verdade, realidade, fato ou evidência, mas apenas mais arbitrariedades e labirintos.

A nossa única questão é saber se por detrás dessas arbitrariedades e labirintos há algum desejo.

O lado bom dessa história é que o mundo nunca mudou. E nunca irá mudar.

Os personagens continuam sempre os mesmos. Covardes que não valem nada, mas acham que valem muito. Vilões ou carrascos que ainda tem um lado nobre, justo ou humano. Prostitutas que falam ou mostram coisas mais doces do que o corpo delas poderia oferecer. A salvação que é tão banal, efêmera ou inesperada. A purificação cujo liquido sagrado é a libido. O individuo pequeno ou isolado que tem como seu único aliado o tempo, a natureza, o desejo, a imaginação, a fé e a vontade.

Eles pensam que estão causando sofrimento, mas estão apenas fortalecendo. Eles pensam que estão atrapalhando, mas estão apenas ajudando ou sendo insignificantes. Eles pensam que estão mostrando quem os outros são. Mas, na verdade, estão mostrando apenas quem eles são. Eles não são ninguém. Eles não são nada.

Eles pensam que sempre sobrevive o mais bruto ou covarde. Mas, às vezes sobrevive o mais esperto, o mais quieto. Sobrevive aquele que fez a melhor metamorfose. O mais leve ou até mesmo o mais colorido. Sobrevive aquele que hibernou por mais tempo e teve mais tempo para sonhar.

Os vermes e os ratos dominam o mundo. Mas, também há borboletas com asas azuis. Há camaleões que não são uma coisa e nem outra. Há feras que sabem a hora de serem dóceis ou covardes. Há seres que não podem ser capturados ou engaiolados. Há seres que regem e existem no desconhecido, na escuridão.

Tudo aquilo que eles pensam que estão fazendo ou causando, na verdade, estão desencadeando o contrário. Porque nem todos no mundo são covardes como eles. Porque nem todos têm a algo a perder ou a ganhar como eles. Porque aquilo que eles julgam ser a

pior coisa do mundo ou a maior punição... Outros julgam como se fosse apenas um favor, um prêmio, uma gentileza, um presente ou uma dádiva.

Independente do que eles sejam ou deixam de ser eu apenas me afasto e deixo eles se divertirem entre si, sem julgá-los. Suas vozes ou reclamações eu não quero ouvir, não participo do seu jogo, não participo da sua corja. Meu nível não é melhor ou pior do que o deles, apenas diferente, para que possa me dar o luxo de me contaminar.

Há uma assimetria entre aquilo que eles pensam que estão causando e aquilo que causam de fato. Entre aquilo que eles pensam que são e como são enxergados.

A sua única defesa? É vomitar verdades absolutas e inquestionáveis. Mentiras impostas a todos e que todos devem acreditar. Reclamações ou sofrimentos que valem mais do que os dos demais.

Aquele que não acredita nas mentiras compartilhadas por todos é mal visto, expulso ou abandonado. Porque ninguém tem paciência ou coragem de ver como os outros são além das máscaras ou convenções sociais.

Tantas distinções foram criadas no mundo, mas o destino de todos permanece o mesmo. O silêncio absoluto e o esquecimento eterno.

A única regra nesse mundo sem regras é que sempre vai existir alguém mais forte. Sempre vai existir alguém mais louco. Sempre vai existir alguém mais indiferente. E, por conseguinte, sempre vai existir alguém mais humano ou amável.

Eles não conseguem me parar. Não importa o quanto me pisem.

Eles não conseguem me silenciar. Não importa o quanto silêncio ofereçam.

Essa batalha eu não luto no mesmo campo que eles. Eu não luto com as mesmas armas deles. Eu não luto pelos mesmos objetivos, propósitos ou motivações deles. Eu luto por algo que eles nunca vão conseguir entender ou aceitar.

Como eles podem me vencer se não conseguem me entender e nem a si mesmos?

Como eles podem me derrotar se eu sou apenas a própria sombra deles? Sem mim eles não são superiores a ninguém. Sem mim eles não são nada.

Como se pode vencer algo que é absurdo? Como se pode vencer algo que não existe ou nunca existiu? Como se pode vencer a própria sombra? Mas o instinto de ditador autoritário e covarde sempre fala mais alto.

Eu sou apenas a sombra que eles tentam fugir. Eu sou apenas a luz que eles tentam se esconder. Eu sou apenas uma idéia inexistente que eles tentam provar que não existe. Eu sou o nada que ofende ou incomoda eles. Eu sou apenas uma idéia que não tem ego para se sentir humilhada ou ridicularizada.

Não quero ser pior ou melhor do que ninguém. Quero apenas pintar um quadro com cores diferentes e novas. Quero apenas escrever um diário ou poesia com palavras que nunca serão

lidas ou entendidas. Eu quero apenas aquilo que é tão fácil, simples e indispensável, mas é impossível alguém dar.

Eles têm medo da escuridão. Mas, o mundo não é outra coisa senão uma imensa escuridão. Eles têm medo da morte. Mas eles têm muito mais medo de viver e da vida.

Eles têm medo da verdade. Mas, a única coisa que existe no mundo são mentiras. Eles lutam contra injustiças. Mas somente contra as injustiças que sofrem, nunca contra as injustiças que causam.

Eles podem me julgar. Mas nunca vão conhecer quem eu sou, a minha alma ou o que sinto. Todos nós buscamos a salvação, mas por caminhos opostos.

Eles podem me julgar. Mas nem todos buscam pelas mesmas coisas. Nem todos vêm as coisas da mesma forma. Todos nós buscamos pela salvação. Mas não no mesmo lugar.

A única coisa que acalenta o meu coração é saber que todos eles vão cair usando as próprias espadas ou escudos. Nesse mundo ridículo e miserável o meu único amigo e aliado é o tempo.

Há muitas vantagens em ser mais um ditador pequeno e covarde. Mas, uma hora a piada perde a graça. Uma hora o banquete enjoa ou enfada. Uma hora o corpo e a alma cansam de batalhas que não levam a lugar algum e de troféus feitos de ouro falso ou de palha.

O caminho que eles gostam é o das esmolas e migalhas, como se fossem ratos. Já eu prefiro o caminho dos gatos. Sempre tão doces, quietos e sorrateiros.

Alguns precisam das sombras para se curar. Enquanto outros precisam das luzes.

A única coisa que existem neles são verdades absolutas e realidades inquestionáveis de pouco valor. Se nivelar a eles não é renunciar a verdade ou a realidade, mas é renunciar a vida.

Se nivelar a eles é renunciar a vontade de colocar cada vagando ou covarde em seu lugar.

Eles são os assassinos dos santos e dos deuses que nunca existiram. Eles são os fotógrafos das prostitutas que poderia ter nascido, mas nunca nasceram. Eles são os ditadores que querem pisar, humilhar, silenciar, desprezar e ignorar, mas não perceberam que nesse mundo não sobrou nada que ainda pudesse ser destruído: Apenas a sua falsa superioridade.

A verdade é uma coisa que depende mais dos sujeitos do que da realidade ou das coisas. O que é real ou importante para uns pode ser inexistente ou sem importância para outros

Eles nunca vão conseguir entender que as piadas deles para muitos não tem nenhuma graça. Eles nunca vão conseguir entender que as piadas que eles tentam esconder muitos acham engraçadas ou iguais as deles. Eles nunca vão conseguir entender que não existe só um tipo de platéia. E o mais importante e fundamental: Eles nunca vão conseguir entender que as reclamações deles soam no ouvido de muitos como se fosse uma piada, e quanto mais eles reclamam mais os outros morrem de rir por dentro. Porque não podem sorrir por fora, comemorar, ironizar ou falar nada.

Só existe uma coisa nesse mundo que eles não têm medo que é de julgar os outros. Julgar os outros sem conhecê-los. Julgar os outros sem conhecer a si mesmo.

O riso deles não é mais algo que me humilha ou me ofende. Pelo contrário. É algo que poderia despertar a minha curiosidade em saber o que cabe naquelas bocas tão largas ou o horizonte daquelas vozes tão desajeitas ou indiscretas. Eu poderia começar a romantizar ou imaginar a maneira como eles se alimentam, se movem, sofrem, fazem malabarismos ou se excitam.

Se dependesse deles só havia uma platéia ou uma verdade. Só uma piada. Não há algo no mundo que eles odeiam mais do que a pluralidade, multiplicidade ou diversidade de opiniões. Não há algo que eles odeiam, detestam ou desprezam mais do que quando alguém despreza ou questiona suas verdades absolutas, universais e intocáveis.

Nenhum ditador ou imperador é invencível. Ao mesmo tempo em que vou caindo minha libido encontra seu ápice. Ao mesmo tempo em que vou morrendo meu desejo vai crescendo. E quanto mais eu sou jogado nas margens do braço da solidão mais eu quero resistir. Mais eu quero falar. Mais eu quero gritar. Mais eu quero lutar. Mais eu quero lutar a guerra sem fim ou sem prêmios. A guerra sem finalidade que a vida é. Menos silenciado ou ignorado eu quero ser.

Eles até podem silenciar e calar os outros com suas verdades e realidades absolutas. A questão é, até quando?

Às vezes a liberdade é mais pesada do que correntes de ferro.

Por que eles podem sorrir do que quiserem enquanto os outros não? O que eles têm melhor do que os outros ou do que os demais? O que há neles que os tornam seres humanos melhores do que os demais ou a margem das próprias armas que usam? Melhores de quem tem um cérebro para pensar ou um coração para julgar? Como eles podem impor tantas coisas se parecem não ter cérebro e nem coração?

Nesse circo que se chama existência ninguém é melhor do que ninguém. São todos apenas personagens com uma platéia diferente.

A vida é apenas uma grande piada. Uma piada sem nenhuma graça ou importância.

Não há nada de bom neles? Ao contrário deles que gostam de julgar o mundo dividindo as pessoas entre ditadores e escravos, entre opressores e oprimidos, eu não poderia julgar o comportamento deles de maneira estética como se fosse um quadro ou pintura? O comportamento deles, por mais desleal ou medíocre que seja, não pode ser uma desculpa ou pretexto para alegar uma suposta superioridade minha. Ninguém é melhor do que ninguém nesse circo, pois só temos uma platéia diferente.

Enquanto eles sentirem desejo sexual, por menor que seja, todos os erros que cometeram ou coisas que não fizeram serão perdoadas, purificadas ou se tornarão simplesmente insignificantes. É somente no momento em que o desejo sexual surge ou emerge é que a vida consegue encontrar a sua única essência, verdade e finalidade, ainda que tal desejo nunca se materialize ou que seja posto em prática. O desejo é mais importante do que o próprio ato,

pois sem desejo o ato perde o sentido ou importância, se resumindo a algo mecânico. O desejo é mais importante do que a realidade.

Em grande parte as verdades e a realidade que constituem o mundo são apenas uma grande máscara. Uma máscara que não revela quem criou e nem as faces sobre quem ela se impõe.

A verdade e a realidade embora sejam palavras doces e irresistíveis elas não revelam a essência do sujeito. A nossa única preocupação é com o sujeito. Não é com a realidade ou a verdade.

Se eu disser que eles estão errados e eu certo eu acabaria me tornando igual a eles. Se eles se excitam desprezando, humilhando e ignorando eu me excito os perdendo.

O problema não é apenas quando um desejo nunca é realizado. Mas, também quando deixa de existir.

Existem dois tipos de pessoas no mundo. Aquelas que gostam de julgar pelas máscaras e convenções sociais e aquelas que querem ver o que há por detrás de cada máscara. Mas, como alguém sem rosto ou que não tem nada atrás da máscara poderia julgar alguém que tem um rosto real, apesar de ser grosseiro ou bruto?

Quão generoso ou otimista é acreditar que a vida oscila como um pêndulo, entre momentos bons e ruins. Esse pêndulo, na verdade, parece oscilar para um lugar só. O sofrimento ou desespero é tão grande que ele acaba causando algum tipo de desmaio, esquecimento, inconsciência, sonolência ou êxtase. A única coisa que existe é o sofrimento alimentando o sofrimento. O desespero correndo rumo ao desespero. A solidão que tem como única companhia, paixão ou amor a própria solidão. O nada que para ser sustentando precisa ter como alicerce ou fundamento justamente o nada.

A única coisa que existe no mundo são ladrões roubando ladrões. Parasitas parasitando outros parasitas. Armadilhas sobre armadilhas.

O mundo funciona dessa maneira. São apenas metáforas sobre metáforas. Ao se tentar desvendar cada metáfora ou o lugar até onde elas levam há somente outras metáforas. Não há sentido absoluto ou universal. Não há verdade intrínseca ou imutável. Não há realidade ou dados evidentes ou óbvios. Não há sentido rígido, fixo ou rigoroso. Não há outra coisa senão metáforas de metáforas. Raízes ou rizomas crescendo sobre outras raízes ou rizomas. Tanto o sujeito, o objeto e a relação entre eles são uma metáfora. O que chamamos de “realidade” é apenas um pequeno e insignificante fragmento de algo infinitamente complexo.

Eu não sei se gosto desse mundo movido por chantagens. Chantagens por dinheiro. Chantagens sexuais.

A salvação ou purificação surge quando o desejo sexual começa a crescer ou florescer. Ainda que ele nunca seja realizado ou posto em prática. O desejo sexual é a única coisa boa e que purifica o mundo.

A purificação contra os erros, as injustiças, a mediocridade ou o pecado surge quando o desejo sexual começa a florescer.

Certamente eles devem se divertir no cortiço deles enquanto especulam sobre a vida sexual dos demais.

Sem eles o circo inútil teria menos graça. Sem eles a comida requentada teria menos tempero.

Que eles são fracos, covardes e injustos todos nós sabemos. Mas, eu me pergunto não há nada de bom neles? Se eles não tem libido? Ou momentos em que esse desejo sexual começa a nascer, florescer, crescer ou se expandir. Isso é algo bonito. Isso é o perdão deles.

O que movem eles não é o benefício próprio, mas o prejuízo alheio.

Eles têm medo da luz. Mas não percebem que para qualquer canto que olhem há o mar ou borboletas refletindo o brilho do sol. Ou algo com potencial para fazer isso por mais efêmero. Insignificante ou pequeno que seja. Eles têm medo da mudança e da esperança.

Para eles aquilo que não existe é mais importante do que aquilo que existe. Para eles seus julgamentos são verdades absolutas e universais. Verdades com sede de opressão, humilhação, ridicularização, desprezo, para pisar e diminuir os demais.

Por muito tempo me enganaram. Por muito tempo me escravizaram. Mas, percebi que esses atributos não são da realidade, da linguagem e nem mesmo meus. São atributos principalmente deles. É o veneno deles que ao invés de beber eu deixo para eles próprios beberem e se empanturrarem.

O julgador é tão desprezível quanto o julgado. O julgador sempre é cúmplice do julgado. Sem um o outro não existe. Sem o julgado o julgador perde o seu deleite, prazer e superioridade em julgar.

Eu faço minha parte. Me afasto ou me isolo enquanto apenas assisto eles se degladiarem ou se “divertirem” entre si com suas idéias, mentiras e premissas. Eu não me contamina com nada que eles acreditam. E não me contamina com nada que eles falam ou exigem.

Tudo seria menos divertido se eles não tentassem socializar suas desgraçadas e privatizar seus privilégios ou benefícios. Achando que por a maioria acreditar em algo ela se torna uma verdade absoluta e universal, sinônimo de justiça ou algo em si importante ou intrinsecamente. Eu demorei a entender que ouvir eles é um erro. Eu demorei a entender que levar eles a sério é um erro. Suas exigências sempre são covardes. Suas imposições só servem para defender um lado, e sempre o mais medíocre. Eu percebi que eles só enxergam a si próprios. Eu percebi que eles são falsos por natureza. Para eles a verdade se assemelha a loucura.

Que diferença faz sobreviver? Que diferença faz ter uma namorada?

Se Deus morreu ele levou consigo todos os seus substitutos. Dinheiro, fama, sexo, reputação, conhecimento, trabalho, revoluções, evoluções e o Estado. Nesse mundo nada mais parece ter sentido ou importância.

Não existe valor intrínseco ou absoluto na vida, no dinheiro, no caráter, no conhecimento, na realidade, na verdade, no sexo, na razão ou em nada. A minha única dúvida ou hesitação é se

existe na fé. Não em uma fé fútil ou vendida, mas em uma fé que não se curva ainda que o mundo inteiro estivesse contra.

É uma fé que não serve para oprimir, como poderia dizer Cioran ou Nietzsche. Mas, é uma fé que serve para resistir.

Eles são mais fortes e estão em maior número. Então porque ainda me deixam lutar? Por que sem mim não há ninguém que eles possam ignorar ou ridicularizar. Sem mim não há ninguém para afrontar ou desafiar eles. Sem mim não há coragem. Sem mim não há ninguém para desejar ou amar eles. Sem mim não há ninguém capaz de derrotar eles, mesmo sendo uma guerra que eles não conseguem enxergar ou compreender direito. É uma guerra contra si mesmo.

É um teatro e uma farsa para enganar a morte e a solidão.

A solução mais fácil, “lucrativa” e eficiente também é a mais covarde. A salvação rápida, instantânea e pragmática também é a mais desonrosa. O atalho não parece ser a solução, mas apenas mais uma sombra entre as infinitas que existem do mundo. O atalho parece não ter nada de útil para que pudesse ser idealizado ou desejado. O atalho não tem nada de especial para que fosse romantizado ou tratado como uma solução absoluta ou universal.

Temos que ser honestos em admitir que “nem todos tem medo do escuro”. Entretanto, a escuridão não existe em si, mas é apenas ausência de luz.

Eles querem ser os ditadores do mundo. Mas, ninguém precisa ou sente falta deles. Eles querem ser o dono da verdade e da realidade. Mas, isso não é possível usando apenas o silêncio ou a ausência como arma.

Quem ama ou gosta da solidão nunca será amigo ou aliado deles.

Independente dos meus erros ou de quem seja eu acho não cheguei até aqui à toa. O erro deles é achar que para vencer todos precisam ser iguais a eles ou fazer as mesmas coisas que eles. Eles acham que todo mundo quer ser o próximo ditador ou capataz como eles. O erro deles é achar que o mais covarde sempre sobrevive, ao invés do mais leve, colorido ou adormecido. O erro deles é achar que todos querem vencer a qualquer custo ou isso significa alguma coisa. O erro deles é achar que todos são covardes ou miseráveis como eles. Mas todos nós estamos em busca de uma salvação, ainda que seguindo caminhos opostos.

A verdadeira “superioridade” ou “vitória” parece ser conseguir chegar até algum lugar sem precisar pisar covardemente ou humilhar ninguém. Mas, o que fazer quando pessoas honestas precisam ser injustas para sobreviver? Quando pessoas que nasceram para ser livres precisam viver em gaiolas? O preço da sobrevivência às vezes é não querer a existência. O preço da sobrevivência às vezes é se tornar um ser completamente vazio, fútil e descartável. Não é possível existir sem sobreviver, mas sobreviver cobra um preço, tempo e esforço tão alto que às vezes inviabiliza viver ou existir.

Uma vez que a alma já foi vendida, parece que não restar mais nenhum lugar para se ir. Não se resta muita coisa para se fazer. Não resta nenhuma esperança, escudo ou muleta. Nenhum alívio ou ilusão.

Sobrou pouca coisa ou nada que ainda possa ser destruído. Só me resta chutar algumas pedras e achar que fazem barulho. Mas sei que é inútil.

Essa fé não tem a ver com Deus ou religião. Mas apenas em continuar fazendo o que se ama. Em ser um músico em um mundo onde todos nasceram surdos. Em ser um pintor e pintar as telas mais coloridas em uma terra onde todos nasceram cegos.

Eles acreditam que o único caminho para alcançar a liberdade ou a salvação é através de covardias, injustiças, preconceitos e discriminações. E não há ninguém no mundo capaz de fazerem eles mudarem de idéia, nem mesmo o mais sólido argumento ou evidência. A dura reposta é que eu não preciso deles. A dura reposta é que o mundo não precisa deles. E por isso eles se acham superiores! Os pequenos ditadores perdem tanto tempo e energia tentando prejudicar os outros que acabam se esquecendo de caminhar ou se alimentar.

O erro deles é achar que alguém se importa com eles. Que alguém quer ouvir as suas reclamações, reivindicações ou as acham importantes. Somente os da corja ou gangue deles, que não representam a vontade do mundo ou nenhuma unanimidade.

Eles adoram destruir ou desconstruir coisas, mas apenas aquilo que convém. Nunca as próprias.

Até eles já perceberam que não resta mais nada que possa ser construído ou destruído.

Não resta mais nada que possa ser construído ou destruído.

A maior injustiça da vida é que os sentimentos doces, sublimes, elevados ou iluminados são os mais fáceis de serem esquecidos.

A única punição é não existirem mais punições. A única guerra é não haver mais pelo que lutar. O meu único e último medo é deixar de sentir medo.

Há infinitos lugares no mundo. Mas, todos eles estão sempre vazios. Mas, não há vontade ou curiosidade de visitá-los.

Mesmo eles sendo covardes, injustos, cruéis e indiferentes há algo bom neles. A pele deles. A saliva deles. A pele e o cheiro deles acabam se tornando o paraíso de todos daqueles que tentam assassinar o tempo, os deuses e anjos inexistentes.

Eles querem sempre atacar os outros a custo de nada. Não demonstram força, mas covardia. Não fortalecem os ideais ou idéias que defendem, mas as jogam na lama. Não mostram superioridade, mas mediocridade.

Os sofrimentos invisíveis que existem no mundo são infinitamente maiores do que aqueles que podem ser vistos, apontados ou ridicularizados.

O lado bom da vida é que ninguém é superior o suficiente para enganar a morte para sempre. O lado bom da vida é que às vezes o desprezo ou indiferença não causa efeito. O lado bom da vida é que sempre existirão sujeitos muito melhores e muito piores do que eu.

Se ninguém se importa com meus sentimentos porque deveria me importar com o deles?

Às vezes o mais visto, famoso ou popular é justamente o que vale menos ou nada. Nem tudo foi feito para ser visto. Nem tudo foi feito para ser amado. Nem tudo foi feito para receber migalhas ou aplausos de um mundo vazio e que não vale nada.

Ele não precisa acreditar em Deus para ter fé. Mas, apenas continuar fazendo o que ama.

Não sou uma pessoa boa e nem má. Eu vim apenas para desmarcar. Quem não tem nada a esconder me ama. Quem tem me odeia.

Eu não desejo vingança, sofrimento ou punição para eles, mas todas as coisas boas do mundo. Desde que, estejam a maior distância o possível.

A minha única qualidade é que eu preciso de pouco para ser feliz. Eu não preciso de nada para ser feliz. Apenas de um pouco de solidão, caminhar na natureza ou olhar para o Sol.

Mesmo o vôo de uma borboleta efêmera pode ser a coisa mais bonita ou importante que se viu na vida inteira ou no mundo.

Eu não quero tratar a vida como uma competição para ver quem é mais feliz ou moralmente superior. A vida continua existindo seja feliz ou infeliz, seja superior ou inferior. Seja lembrada ou esquecida. A vida continua existindo seja ela grande, pequena ou medíocre.

A vida continua existindo. O seu tempero é a incompreensão, o afastamento, a solidão. O seu tempero é a ausência de tudo o que é sagrado, importante ou indispensável. O seu tempero é aquilo que afasta ao invés de aproximar, é aquilo que não é visto ou invisível ao invés de ser acolhido ou compreendido.

O tempero da vida é sempre ter alguém para achar que a vítima é sempre a culpada.

O tempero da vida é ser tratado da maneira oposta da que se esperava. É ver a vítima lentamente se transformar em culpado.

O tempero da vida é não ser nem vítima e nem culpado, mas os dois.

O tempero da vida é continuar desejando, ainda que sozinho.

O tempero da vida é nunca se sentir sozinho, ainda que se esteja sempre sozinho.

Será que carregar tantas caixas faz alguma diferença? Será que dizer tantas coisas faz alguma diferença? Não importa se é ruim, bom ou inútil, mas minha vontade é continuar. Não importa a recompensa ou o repouso. A minha vontade não se importa com o mundo e é cega. A minha vontade fala por si mesma. A minha vontade é a única realidade ou verdade que posso conhecer do mundo, e qualquer coisa fora dela não é algo maior do que ela.

A metáfora não é alegórica ou metafísica. Mas, diz respeito a alguém que não tem nenhum motivo para viver. O sacrifício ou trabalho não se tornam uma punição, mas um alívio. Um alívio para esquecer da própria existência. Para esquecer de tudo e do próprio tempo. Um alívio para esquecer que fora da humilhação ou sacrifício não existe absolutamente nada. E esse nada causa mais sofrimento do que qualquer sofrimento ou humilhação que exista no mundo. Um nada que leva consigo tudo aquilo que o indivíduo é. A escolha mais fácil, prática e teoricamente mais eficiente é ironicamente a mais covarde, desonesta e frágil.

Eu nem minto e nem falo a verdade. Eu apenas faço algo e deixo a reação deles falarem quem eles são. Eu deixo o silêncio deles e ausência de ação dizer quem eles são ou o que sentem.

Eu sou aquele que mesmo sem nenhuma intenção destruiu muitas coisas. E isso ocorreu não por eu ser bom, ruim ou qualquer coisa que seja, Ocorreu porque no mundo não existe verdade, mas apenas mentiras.

As mentiras são importantes. E não saber disso torna a brincadeira apenas mais mágica, ingênua, interessante, séria ou importante.

Eles pensam que falar sobre os outros não fala nada sobre eles. Eles pensam que falar sobre a realidade não fala nada sobre eles. Eles pensam que não falar ou não agir não fala nada sobre eles.

Eles estão sendo julgados e observados da mesma maneira que fazem. Mas, nem todos são covardes mal-educados.

As pessoas protestam pelas injustiças que sofrem. Nunca pelas injustiças que causam.

O que eles merecem receber é algo que eu deixo nas mãos de Deus ou do caos. Mas, eu não quero ver, saber, ouvir ou falar. Eu quero apenas esquecer que todos eles existem, assim como todos os sofrimentos deles. Eu não quero ouvir nada a respeito deles.

Eles são livres para dizer não ou não agir, da mesma forma que sou livre para permanecer surdo ou cego.

A alma é algo volátil. O que causa felicidade e prazer em um momento talvez não cause em outro. O que causa sofrimento ou humilhação em um momento talvez não cause em outro. Assim há uma eterna guerra e conflito entre o corpo e a alma sempre em movimento contra uma linguagem sempre fria, morna, morta, mesquinha, cínica e hipócrita.

O sexo não é algo que contamina o mundo, mas que lhe purifica. E qualquer coisa com o mínimo vestígio ou contaminação de algo sexual é algo bom e não ruim. A única coisa pura que existe no mundo é o sexo. É como se o mundo fosse um lugar ruim e desprezível e o surgimento de algo sexual é a única coisa boa, pura ou divina que pode ocorrer ou iluminar ele.

Grande parte da “realidade” e das “verdades” desse mundo foram feitas por sujeitos ressentidos e medíocres. Elas continuam porque não há outra coisa nesse mundo que os indivíduos ingênuos, canalhas, covardes e indiferentes gostem mais do que verdades universais e absolutas.

A “verdade” deles para mim é uma “comédia”. A “realidade” deles eu chamo de “loucura”. O certo deles é errado para mim. O “Deus” deles desprovido de alma, mas apenas com corpo e cheiro voluptuoso para mim se tornou ineficaz, fútil e efêmero. A “salvação”, a “idolatria”, o “caminho”, o “grande lucro e vantagem” ou “vitória” deles eu chamo de “escravidão”, um “fracasso”, uma “derrota”, uma “vergonha”, um “esgoto” e a mais absoluta e prostituída “desonestidade intelectual”.

A linguagem não é uma ferramenta neutra. Mas é intrinsecamente cínica, mesquinha e hipócrita.

É impossível dizer algo sobre a realidade ou a verdade sem uma “contaminação” ou vestígio de cinismo ou hipocrisia que são inerentes e intrínsecos da própria linguagem ou do ser humano.

Todas as injustiças e ineficiências que existem no mundo quando “contaminadas” ou com vestígio de algo sexual parecem encontrar o seu perdão.

Eu não queria me esconder atrás de nada. Nem atrás do dinheiro, do Estado, do sexo, de uma profissão ou do meu caráter. Mas, eu me pergunto por que deveria abrir mão da minha fé?

Uma fé que não serve para escravizar, mas para libertar. Uma fé que não serve para oprimir, mas para resistir.

Se Deus caiu ele levou consigo todas as coisas que queriam ser sua sombra ou substituto. O dinheiro, o Estado, o Sexo, a Ciência, a Justiça e o conhecimento. Nenhuma coisa mais nesse mundo parece ter sentido, valor ou importância.

O nada é um sentimento que me causa ao mesmo tempo conforto e perturbação. Não ser nada. Não ter nada. Não fazer nada. Nunca ter feito.

Eu acredito que a felicidade existe, mas ela é uma ausência. Ausência de viver entre seres canalhas, covardes e indiferentes.

O nada é ao mesmo tempo uma verdade e uma mentira. É ao mesmo tempo viver e morrer.

A vida é apenas uma grande piada. Uma piada sem graça e sem importância.

Eu tenho caráter e boa vontade. Mas, o amor parece não ser apenas algo impossível, como também inexistente. Não existe outra coisa no mundo que as pessoas gostem mais do que julgar os outros por coisas banais, covardes, baixas, mesquinhas ou totalmente inexistentes.

Nesse mundo as pessoas são julgadas mais por aquilo que não fazem ou nunca fizeram do que por aquilo que fazem. São mais julgadas por aquilo que não são do que por aquilo que são.

Nem tudo nesse mundo é ruim, existem suas distrações. Mas, o que fazer quando essas distrações perdem a graça, o valor ou o sentido? Quando se tornam um fardo, um mal necessário, um dever.

Aquilo que para eles vale muito para mim não vale nada. O que vale muito para mim não vale absolutamente nada para eles. O que eles chamam de “tragédia” eu chamo de “comédia”. O que eles chamam de “salvação” ou “liberdade” eu chamo de “escravidão” ou “inferno”. O que

eles acham que é a pior coisa do mundo para mim é a melhor. Eles sempre pensam que estão atrapalhando, mas na verdade estão ajudando ou sendo insignificantes. Aquilo que eles usam para julgar, humilhar, diminuir ou desprezar os demais para mim são julgamentos sem fundamentos, banais, sem valor ou importância. A “punição” deles é um favor ou presente porque mostra o caráter e o sentimento deles e não apenas quem atacam. Eles mostram quem são atacando, falando ou até no silêncio. Eles são apenas pequenos ditadores que se acham poderosos. Mas, não são nada. A moral da história é que seguimos caminhos opostos.

Viver entre canalhas, covardes e indiferentes é algo que contamina.

Ter respeito é diferente de sentir medo.

E aquilo que eu acho a melhor coisa do mundo para eles é a pior.

Eles acham engraçado, mas eu acho triste. O que eles chamam de tragédia eu chamo de comédia.

O importante na vida é ter um ideal, não importa qual ele seja. O certo ou errado, o eficiente ou ineficiente, o fraco ou forte, o vencedor ou perdedor são distinções, noções e coisas que não existem. Essas distinções não existem porque sempre existirão pessoas opostas uma às outras, tanto na maneira de pensar quanto de viver. E porque na vida não existe nenhuma regra ou critério absoluto.

Certamente a prostituta é o ser mais nobre que existe na sociedade e a sua profissão é a mais útil, importante e essencial. Para fazer o que elas fazem é necessário uma fluidez da alma ou consciência e um elevado grau estético que mesmo o mais hábil e talentoso artista não teria.

A única recompensa nessa vida será olhar para o pôr-do-sol. E lembrar de um abraço mesmo que todos os seus sentimentos já tenham sido esquecidos.

Quando ela fica nua o sonho se transforma em realidade. Quando ela fica nua a realidade se transforma em sonho.

Eu gosto da fronteira entre o sonho e a realidade. Eu gosto da fronteira entre o silêncio e o gemido. Eu gosto da fronteira entre o que é sexual e o que não é sexual. Eu sou aquele que não é uma coisa e nem outra, não é uma palavra e nem outra, mas está sempre na fronteira entre as coisas e as palavras.

O que mais me excita não é a nudez dela. É a maneira como ela toca no cabelo da outra. A maneira como ela olha ou abre a boca. O que mais me excita não é o sexo mas, os minúsculos detalhes, a voz dela. As coisas que mais me excitam são o meio termo ou ficam na fronteira entre o que é sexual e o que não é sexual.

A vida é uma grande orgia, improvisação e gambiarra. Quem não prostitui o próprio corpo acaba tendo que prostituir a alma para sobreviver.

Prostituir ou vender a própria alma ou força mental e intelectual é algo mais imoral, sexual ou carnal do que seria prostituir o próprio corpo.

A única coisa que se pode fazer é relaxar. E deixar a imaginação dominar cada parte do corpo, cada célula.

O maior erro que cometi na vida foi achar que as palavras deles ou a linguagem deles tinham valor intrínseco ou absoluto em si. Foi achar que as armadilhas, carapuças e ferramentas deles também seriam úteis para mim.

O maior erro que cometi na vida foi segurar a mão deles pensando que me levariam até algum lugar. Eles não querem ir até lugar algum. Eles não são ninguém. Mas acham que todos devem pensar o mundo ou sentir da mesma maneira que eles. Mas acham que todos devem seguir o seu caminho.

Nascemos apenas para tentar enganar os outros e a nós mesmos.

Nesse mundo que não vale nada não é apenas Deus, o paraíso ou o inferno que não existem, deixaram de existir ou não são vistos, mas também todos os seus substitutos inclusive sexo, dinheiro, o conhecimento ou a própria sobrevivência. Simplesmente não há onde se esconder. Estabilidade, segurança ou salvação, seja por qual meio ou finalidade que for, são coisas que não existem mais. São coisas ou idéias que caíram junto com Deus.

Sobrou pouco ou nada que possa ser destruído. E muito menos construído.

Ainda que eu estivesse sozinho no mundo eu gosto da minha própria companhia. Eu gosto da presença de Deus.

Tantas humilhações, conflitos e lutas para no final o destino de todos ser o mesmo. Ser abraçado pela morte e pelo esquecimento.

A justificativa, a razão ou motivação da beleza ou da força é o desespero. Todas as coisas nesse mundo, mesmo aquelas que parecem ser boas, tem como essência ou substrato um sentimento ruim ou negativo.

Ser medíocre para conseguir sobreviver. Ser agressivo para conseguir sobreviver. As regras, a verdade, o belo e a realidade mudam de acordo com as circunstâncias, as condições e a pressão.

Esse mundo é cheio de contradições, mentiras e absurdos. Não cabe a nós ingenuamente tentar explicar as coisas ou justificar nada. Nos cabe apenas aumentar o caos, confundir.

Mesmo que tudo caia ainda restará a beleza do céu. Ainda restará a beleza de um abraço.

Eu me pergunto como ela se sente quando o desejo nela começa a subir ou crescer.

Enquanto todos fogem do predador porque em suas vidas miseráveis não tem nenhuma escolha e são movidos pela necessidade, nós os esperamos com os braços abertos. Não apenas os braços, mas talvez até mesmo com as pernas abertas. E diante da pior coisa que existe no mundo ou na vida o que nos resta fazer? Apenas a última piada sem graça.

Não importa se é virgem ou prostituta, rico ou pobre, honesto ou criminoso, um santo ou a pior pessoa que já existiu. A morte não dá concessões. Ela é apenas mais paciente com uns e menos com outros. E após ela não existe absolutamente nada.

A inexistência está acima e abaixo da existência e da essência.

O mundo está morto. Porque não posso perseverar e ainda querer viver?

Se existe uma única salvação nesse mundo seria ela Deus? Ou um sentimento de paz absoluta mesmo não sendo ninguém ou não tendo nada.

Nenhuma coisa no mundo tem valor intrínseco ou absoluto em si mesmo. Nem o dinheiro, nem o sexo, nem o conhecimento ou a própria vida ou existência. Tais coisas que para uns podem valer muito, para outros podem valer pouco ou absolutamente nada.

O único refúgio que não tenho argumentos é contra a fé.

Eles vão perder essa guerra não porque eu sou melhor do que eles. Vão perder porque vão cair sozinhos. Vão perder porque o tempo é totalmente indiferente e imbatível.

A vida sempre vai continuar sendo algo sem sentido ou importância não importa o que se tente fazer ou para onde fugir. Não há possibilidade de criar sentidos ou propósitos para a vida, mas apenas mentiras. O sentido da vida é que ela é um nada sem sentido ou importância e não há para onde fugir ou se esconder.

Eu tento perdoar meus inimigos. Eu tento ver as qualidades da prostituta além do corpo. Eu tento tratar o mendigo com dignidade ou humanidade. Mas, tenho a impressão que ser a melhor ou a pior pessoa que já existiu nesse mundo não faz diferença. Um dia todos nós vamos desaparecer. Um dia todos nós seremos esquecidos.

O mundo recompensa certo tipo de caráter, personalidade e de hábito que não é o mais justo, o mais honesto ou ético. O grande paradoxo para se conseguir sobreviver ou existir como ser humano é agir como desumano às vezes. O grande paradoxo é que o preço da sobrevivência é abrir mão da existência ou de viver.

Aquilo que é importante para eles para mim não vale nada. Aquilo que eu acho importante para eles não vale nada. Aquilo que eles chamam de “verdade” eu chamo de “mentira”. Aquilo que eles chamam de “loucura” ou de “sonho” eu chamo de “realidade”.

Eu não tenho medo de nenhuma categoria que eles tentem me enquadrar ou classificar. Porque o meu propósito é diferente do deles. Eu não sou nem bom e nem mal, eu vim apenas para desmascarar os outros. Quem não tem nada para esconder me ama. Quem tem me odeia.

O que me deixa feliz é que eu não preciso de nenhuma arma para combater eles. Todos eles caem sozinhos. A minha arma é apenas o tempo.

Quando a vida é uma infinita humilhação não seria uma hipocrisia dizer que ela é importante ou vale a pena? E ainda que tivesse que recorrer a Deus, essa é uma pergunta que somente o próprio sujeito poderia responder.

Eu falo sobre coisas que somente os próprios sujeitos podem tomar suas próprias decisões ou tirar suas próprias conclusões.

Sobrou pouca coisa ou nada que se pudesse destruir. A pornografia surgiu. Deus se tornou apenas um reflexo efêmero ou um apetrecho. O que sempre foi visto como ridículo, absurdo ou inaceitável hoje é visto como algo normal ou uma decisão do próprio sujeito que é totalmente respeitada. Hoje em dia todo mundo se tornou o seu próprio Deus. Um deus que pode tudo e ao mesmo tempo não pode nada.

Sobrou pouca coisa ou nada que se possa construir. A grande “solução” ou “salvação” se tornou algo fútil assim como se considera a existência do paraíso ou de Deus. Não importa se essa “solução” ou “salvação” seja econômica, sexual ou social. Todas elas são vistas agora como algo inexistente ou com ceticismo.

Vivemos em um momento onde o importante não é mais conhecer ou desvendar o desconhecido. Conhecer ou compreender as coisas se tornou algo indiferente. O conhecimento, o saber e a cultura perderam o seu valor intrínseco que sempre tiveram na história da humanidade.

O que temos, o que restou, são apenas desejos que surgem e desaparecem.

Estamos diante de um novo ser humano, um novo homem com postura totalmente diferente. Todas as verdades ditas ou impostas já foram esquecidas ou derrubadas. Mas, pelo menos, ele ainda não esqueceu o valor de um abraço ou de olhar nos olhos.

O conhecimento permaneceu o mesmo, mas a postura do sujeito diante o conhecimento mudou radicalmente. Agora, nenhum conhecimento tem valor intrínseco ou em si mesmo. E talvez, nem a parte mental ou cognitiva que lhe sustenta representa alguma vantagem ou recompensa para o indivíduo. Talvez, seja o seu peso e desvantagem.

Chegamos no momento onde a filosofia morreu.

Entre a essência e a existência sempre prevalece a inexistência.

Seria tão bom que o dinheiro pudesse resolver todos os problemas e tensões do mundo. Mas, ele é apenas mais uma distração entre tantas outras para esquecer o quanto a existência é algo miserável e inútil.

Não existe nada na vida que lhe torne algo especial. Apenas tomar a consciência de que ela não é nada.

Nesse mundo existem muitas pessoas imanes e poderosas. Mas, nenhuma delas é maior do que o tempo. O tempo que varrem elas para o esquecimento total e absoluto. Nesse mundo o meu único amigo e ídolo é o tempo. O tempo que destrói a todos nós sem nenhum sofrimento, dor ou vingança.

Esse mesmo tempo, apesar de cruel e invencível, me faz lembrar que tudo no corpo dela é lígico e delicioso. A voz dela é uma melodia irresistível. A axila dela mais prazerosa que a maçã de Adão.

A única salvação é que não há salvação. O único sentido é que não há sentido. A única verdade é que não existe verdade. A única regra é que não existem regras. A última humilhação é que não existem mais humilhações. O último medo é deixar de sentir medo. Nenhuma solução pode ser dada porque ela não existe.

Nenhum caminho pode ser apontado. Porque cada passo dado já é um caminho em si mesmo.

Se eu não conseguir chegar a lugar nenhum não há problemas. O importante são os sentimentos que ele me causa. O importante são as lembranças que ele reacende. Eu posso dizer que não vago pelos lugares, mas os lugares vagam por mim.

Eles pensam que estão me punindo, mas estão apenas me ajudando. Eles pensam que estão me ajudando, mas estão apenas me punindo.

Eles pensam que estão me punindo ou me prejudicando. Mas parece algo pequeno, indiferente ou insignificante. Eles pensam que estão me recompensando, mas para mim o troféu ou prêmio deles é algo sem valor.

Cheguei longe. E queria acreditar que não foi em vão ou por acaso. Eu não me importo em continuar caminhando.

Eu não preciso me esforçar para ter o que preciso. Pois, o que preciso é o oposto deles.

Esse mundo foi feito para aplaudir as coisas vis, desprezíveis, ineficientes e sem nenhum valor. Não é possível levar esse mundo a sério, mesmo com todas as suas covardias, provocações e pressões psicológicas.

O que eles chamam de “salvação” ou de “paraíso” eu chamo de “escravidão” ou de “miséria”. O que eles chamam de “justiça” eu chamo de “vingança”. O que eles chamam de “amor” ou “sexo” eu chamo simplesmente de “egoísmo” ou “oportunismo”.

Nesse mundo, ou breve passagem e viagem, eu não quero me apegar a nada ou a ninguém.

O que me mantém vivo não é tanto o meu medo da morte, mas a minha indiferença. Ela bate na porta e eu não abro. Eu não olho nos belos olhos dela porque não me importo. Mas eu confesso que gosto de imaginar a companhia dela e somente ela poderia me entender.

Até lá o que posso fazer? O que fazer quando todas as piadas perdem a graça?

Eu era relativista, mas achava que a vida tinha valor intrínseco ou poderia ser construído. Mas, hoje esse sentimento ou idéia ruiu. Hoje acredito que a vida não só não tem sentido como nenhum pode ser criado. Nenhum sentido ou valor pode ser criado para a vida sem a sensação de que seja falso. O sentido é que a ausência de sentido deveria ser algo positivo e não um escândalo.

Eu não sinto medo ao olhar nos olhos do leão ou deslumbre ao olhar nos olhos da borboleta. Ter respeito é diferente de sentir medo. Ter coragem é diferente de ser um covarde.

A minha filosofia é apenas enaltecer o quanto esse mundo é deplorável ou miserável. Ela não oferece solução ou saída porque não existe solução ou saída. Ela não diz o que deve ou deveria ser feito. Pois parece que nada deve ou deveria ser feito.

A única solução é se apegar a coisas vulgares e fúteis para justificar a própria existência. Sexo, confusões, dinheiro, fama. Tudo isso é inútil e não vale nada. Talvez, só Deus tenha alguma importância. Talvez, só o nada tenha alguma importância.

Ainda que eu fosse a pessoa mais solitária que já existiu nesse mundo eu não sentiria solidão. Ainda que eu fosse a pessoa mais provocada ou desafiada nesse mundo eu não sentiria medo. E mesmo que os meus olhos vissem mais cores ou quadros do que qualquer outro eles continuariam completamente cegos.

O paraíso, o inferno e o nada estão aqui. Após a morte não existe nada. A vida é apenas uma penitência e castigo.

A vida é apenas uma grande desgraça e miséria com algumas pitadas de prazer e distração. Desejos inocentes e masturbação. Sonhos que nunca se realizam. Coisas que perdem importância. Amigos e inimigos que são esquecidos. O corpo que deseja o último abraço, beijo ou dedos entrelaçados antes de naufragar no infinito.

E porque não há sexo se ela quer? Essa é apenas parte do problema, talvez a menor parte. Há falta de privacidade, de dinheiro, de tempo. Há inseguranças, medo de ser ridicularizado. Há um desejo que é meio morno e pequeno acompanhado de sinceridade. Há medo de ser punido.

Que mal há em assumir que às vezes eu sou apenas um pequeno verme ou inseto que não vale nada, mas que queria um pouco de sexo?

Alguns para se curarem precisam das sombras. Outros, das luzes.

A única esperança ou salvação é tratar os outros da mesma maneira que se é tratado. Não importam quem eles sejam.

Todo mundo tem uma fraqueza. Todo mundo tem uma vulnerabilidade. Seja por excesso ou por falta. O verdadeiro equilíbrio não existe e ele só é alcançado no nada, na inexistência ou na morte.

Eu não preciso me esconder atrás de nada. Não preciso me esconder atrás de dinheiro ou hierarquias. Não preciso me esconder atrás do Estado ou de alguma profissão. Talvez, eu só precise me esconder atrás de Deus. Ou do nada.

Não resta mais nada que possa ser construído ou destruído. Nem mesmo pedras para serem erguidas rumo ao infinito. Só sobraram alguns pedregulhos e eu os chuto com a esperança de que façam barulho.

A vida às vezes é uma batalha sem recompensas ou propósito. Eu poderia dizer que pelo menos não carrego a culpa por nunca ter tentado. Eu tentei. Mas, no final das contas, ter tentado ou não tentando não parece ser ou significar grande coisa.

O lado bom dessa história é que antes e depois da existência a única coisa que existe é uma paz, tranquilidade e serenidade absoluta, independente do caráter ou das ações que se fez. Independentemente de ter sido tudo ou nada. Antes e depois da existência existe apenas o sentimento mais puro e sublime que raramente pode ser sentido ou experimentado durante a vida. Somente antes e depois da existência é que todos podem ser vistos e tratados como se fossem iguais. Somente antes e depois da existência é que todos se tornam iguais. A vida é apenas um piscar de olhos doloroso que recebe como prêmio a serenidade e a bondade da eternidade.

Eu e eles não temos nada em comum, apenas a vontade de viver. Isso já é mais do que o suficiente.

O único lado bom dessa história é não ser dito se há ou não uma saída no labirinto da solidão, embora busquemos incessantemente. Tal busca não é desestimulada e nem facilitada. Não é dito o que dever ser feito ou não para conseguir encontrar a saída. Se a saída fosse fixa ou fácil a vida perderia o seu encanto, graça ou charme. Todos nós buscamos por uma salvação. Ainda que tal salvação seja a ausência de salvação.

O mundo não tem nada a perder. O indivíduo menos ainda. O mundo sempre terá mais a perder do que o próprio indivíduo. Afinal de contas, para tal indivíduo, o que é o mundo ou a vida?

Se existisse um caminho fácil ou uma saída fixa a vida perderia seu charme. Se eles existissem a vida não poderia mais ser chamada de vida. Todos os argumentos estão contra a vida. Mas, parece que a vida não é feita somente de argumentos. A vida é maior do que qualquer argumento, lógica ou razão.

Talvez a maior recompensa que poderíamos ter recebido foi não ter recebido nenhuma esmola ou migalha desse mundo miserável. Será que há escapatória do labirinto da solidão?

A única possibilidade ou condição que o mundo me ofereceu foi a de *falhar*. A minha única escolha é entre fracassar de maneira grande ou pequena. Entre fracassar por culpa da cautela, da coragem, por muito ou nada fazer. Se eu quero fracassar de maneira brutal, elegante ou pacífica.

As coisas que não tem nenhum custo ou não cobram nenhum dinheiro parecem ser sempre aquelas capazes de proporcionar as melhores ou piores experiências da vida.

Ela me destruiu a custo de nada. Ele me salvou a custo de nada.

A linguagem e a poesia morreram. O mundo morreu. Tudo morreu. E a única coisa que permanece viva é a minha melancolia. E a única coisa que permanece viva em mim são as sombras que ora agem como se fossem luzes e as luzes que ora agem como sombras, tal como a fé. Os refúgios e esconderijos que ora são guerras quase santas, e as guerras e encontros que são apenas um esconderijo ou refúgio. O poder que demonstra apenas medo, fraqueza ou injustiça. E ignorância. Apenas algo tão pequeno e efêmero, mas tão indestrutível, irresistível, pleno, leve ou sonhador. Algo difícil de negar, como o brilho do Sol ou a curiosidade da Lua.

Aqui termina a minha jornada ou viagem. Apertei a mão da prostituta, apertei a mão do criminoso, apertei a mão do louco. Mas não sou superiores a eles. Apertei a mão do tirano, apertei a mão do carrasco, apertei a mão do rei, apertei a mão do mendigo, apertei a mão de um anjo, apertei a mão da sonhadora, apertei a mão do palhaço, apertei a mão do solitário. Não porque sou melhor ou pior do que nenhum deles. Mas, apenas porque tudo nesse mundo é uma vaidade. Apenas porque o nosso destino é o mesmo. O esquecimento.

Solitude Labyrinth Lake

Arthur Silva Sacramento

All rights reserved

2025

Even if faith is the only thing we have left, we will not look upon it unfavorably.

Even if faith were not the most beautiful thing in the world, nor the most pleasurable, nor the most persuasive, it remains the most resistant and resilient. Faith seems to exist not to convince, but to endure. To endure so that it is the last thing to fall.

Every day I sleep in the desert, yet I sleep as soundly as if I were in a palace or among the clouds. Every day I sleep in a palace, yet as fitfully as if I were in the desert.

The question isn't about knowing how good or bad the world is, but how much we are able to perceive or feel the good things within it.

The question isn't about knowing how good or miserable the world is, but simply how much we can endure.

How long must one live to realize that heaven and hell exist right here in this world? And the distance between them is almost non-existent.

I want to discover what lies at the bottom of my soul or consciousness. Only monsters, darkness, light, or nothing? Just to know that in some places silence is paradise, and in others, it is hell. Just to know that the distance between hell and heaven is becoming ever smaller.

My only victory occurs as I fall into the abyss. My only victory is the moment I feel no pain in this infinite, endless war. My only victory is not defeating the war or any enemy, but only myself. They all fall on their own, whether by their own hands or by the passage of time.

If I use the same weapons they do, I will end up defeating myself.

If I use the same weapons as they, I will end up becoming like them, or worse.

Their greatest mistake is thinking that I feel fear. Their greatest mistake is not realizing that my world is the complete opposite of theirs. Their shadow cannot swallow me. No matter how hard they try or persist, their shadow cannot destroy me. On the outside, everything looks dark or dead, which is why they consider themselves superior or victorious. But there is light on the inside. Within me, there must be a tiny light that none of them want to, or can, see.

Their silence, contempt, and indifference are the worst things that can exist in this world. It is the poison and the stench that contaminates and turns those nearby into tormentors. The world exists only to defend them, but that is not enough to interrupt my journey. After all, how can one defeat what they do not know? How can one trample or shame something devoid of form? Just a mire—the more they try to step on it, the more they leave their feet and souls vulnerable, the more they are swallowed. Quicksand or an idea has no ego. A light from which they flee, lest they become even blinder than they already are.

The only thing I want to know is if my faith is greater than all the loneliness that exists or has ever existed in this world. The only thing I need to know is if her love or sensuality are greater than all the sufferings that exist or have ever existed in this world.

My faith is greater than the infinite loneliness of the world. Her sensuality is greater than the infinite suffering that exists in the world.

The world does not make us hostages or slaves to its misery or loneliness, even though those are the only things it offers. The world is not greater than our will. The world is not greater than our love or our madness. The world is not greater than my faith. They are the spice of this life.

They call life death. They call slavery freedom. They call nothingness everything. They call poison medicine. They call cowardice justice. They call desire something immoral or rotten. They call loneliness dishonesty. They call misery salvation. They call silence superiority.

Deep down, I understand them. They are afraid of the chaos that the world is. They are afraid of the madness that can be the struggle of the mind against one's own body. They are afraid of the cold and indifferent place the universe can be. A place with no escape or refuge. A place with no lies. How could they face or endure reality without a single lie? Without a single mask? That is why all their struggles and revolutions rest upon hollow things. They do not believe in God, nor in any spirituality, but they have enough faith to believe in a false superiority. They have "faith" that no one can escape their chains or imaginary swamps. They have "faith" that their word is worth more than the word of God, or any god that has ever existed.

Do they want to overthrow God to take His place? They think their words—and sometimes their silence—are absolute or universal things, more so than the divine Word. The faith they have in language or in their "superiority" would be greater than the faith any Christian or mystic has ever felt in this world. They have enough "faith" to believe that everyone cares or wants to hear them. They have a faith in their superiority

greater than any madman has ever felt in his madness. They have enough “faith” to have never been able to see any light or shadow around them.

They think that to win the war, one must be good only at what they are good at: strength and cowardice. Or rather, better not in strength, but merely in numbers. They think traps are not good things only because they don’t know how to use them, and they want to convince us of that. The little—or almost nothing—they have is enough to ignite their arrogance and reveal the monster they are. This trap is not a merit of the enemy, but merely the lack of understanding and ignorance one has about oneself and about the enemy one wishes to step on, ignore, humiliate, or despise for no reason.

Things only become interesting or fun, there is only a sense of “justice” or “reparation” when necessity imposes itself, when reality imposes itself—and now all your friends, hyenas, and the rest of the pack become your enemy. The empire crumbles. The lie ceases to be a taboo or an imposition. The honest no longer need to be ashamed to show their faces. Power is a dangerous thing because it can destroy itself. When power destroys itself, who is blamed? Always those who have no power or guilt at all.

In life, there can only exist one thing worse than death: Giving up.

The more they trample on me, the more I resist. The more they laugh at me, the more I uphold my ideas and principles. The more I am non-existent to them, the more I fight and the more persistent I become. Not out of spite. Not out of kindness or justice. Not out of revenge. But simply out of indifference. Why feel guilt when one fights only monsters with the appearance of angels? A falsehood that is everything the world desires and defends.

This spiritual struggle devastates and exhausts the body and soul more than any physical fight. This subtle poison contaminates everyone. And by the time you open your eyes, you have already become just like them.

Such individuals—possessing nothing but a false sense of superiority—are the guardians of the world.

When you go very deep, it takes a while to return to the surface. That return can be slow, delicate, or disconcerting. How can they silence what they cannot understand?

In this life, I have learned only that I must not underestimate anything. I must not underestimate my sufferings or the sufferings of others. I must not underestimate how good or unjust I can be. I must not underestimate the strength of love or of solitude. I must not underestimate my enemies, and especially not those I believe to be my friends.

Our tears are not our weakness. Rather, they are our strength. We have not yet died along with the world.

To have made it this far seems to be the only victory. Even if there were nothing left to be said. Even if there were nothing left to be destroyed. No whisper, no laughter.

If even a saint could feel the temptation to become a murderer, how could I judge them the same way they judge me?

The only thing that makes me glad is that they hate life, yet they can never defeat it.

The world never offers a path. Yet, paths never cease to bloom or be born within the soul or consciousness, even if on the outside there is only darkness.

We are opposites. We have nothing in common. But we are still alive. Do we seek salvation? Do we seek desire? Do we seek redemption? Do we seek the gold of hope and freedom? Or do we seek only nothingness and an unjustifiable patience?

Their path is good for them, but it is not good for me. It is not good for us. They think everyone wants or must follow their path. But they are mistaken.

Sometimes light is found where one expected to find only gloom and darkness. Sometimes darkness is found where one expected to find light. We discover things in the opposite places of where they ought to be. Because we are curious and petulant. Because our masks still hold something of the naive.

What is to be done when there is not a single friend or enemy left in the world? When nothing remains that can be destroyed or built? When there is no longer any war or reason to fight?

I was born in the wrong time. I was born in a time where nothing was left to be destroyed, much less built. After the rain or the storm, the weather always becomes milder and lighter.

I would need the courage or the lightness to read Rumi and realize that every drop is not the end, but represents instead a new ocean. Every drop is a small ocean containing a part of perfect love and a part of the infinite universe.

My only salvation, purification, or sanctification is my libido.

She is a contradictory woman. For despite exalting holiness and kindness, her eyes always remain sensual. She has the kindness of God with the sensuality of the Devil. She is angelic, yet she has libido. She has an angelic libido. A libido that does not moan. A libido that does not sell itself. A libido that merely closes its eyes. A libido that simply kneels and gazes into the infinite.

The place where light touches the darkness.

The infinite boredom, hunger, and weakness that constitute life—what could save it, if only for an instant? Only sexual desire. Even if never realized or fulfilled. Only imagined or felt.

They think the most sensual parts for a man are the breasts, the buttocks, or the genitalia. But to me, the most sensual part of her body is her gaze. The most sensual part of her is her dance. The most sensual things I find in her body are all the mirages and adornments she wears.

To imagine all her suffering; to imagine all her kindness or strength—could that not be something as beautiful as imagining her body completely naked? And even if desire died in the body, could it not remain forever alive in the soul or the imagination?

For someone to speak ill of life or existence, it is because they have never known something in life greater than life itself. A woman who possessed the ethics of an angel, but the body of a destroying demon. A woman whose body was made of silk, but whose heart was forever made of fire. A woman who had the kindness and compassion of God, but skin and saliva as irresistible as the Devil's.

For someone to speak ill of life or existence, it is because they have never known something in life greater than life itself. Even if it were faith. Even if it were nothingness or love.

All irresistible illusions forbid us from being God or mere animals. They do not allow us only suffering or forgetfulness. They do not allow us to be only victims or only the guilty. To be only monsters or angels. For even monsters or demons can feel or see paradise ephemerally while their skin purifies another's skin—or even their own.

I was born in a time where God and all His substitutes have died. Love has died. Money and work have died. Language has died. The world has died.

The death of God did not take away only futile things. All means and ends died along with Him. This means that not only have things lost their intrinsic, absolute, universal, objective, or unquestionable value, but even the crumbs, the alms, and the blackmail offered in exchange for them have become a greater weariness than the things themselves—not a reward or a relief.

Since then, all the games have remained the same, but they have lost their charm. There is no longer the spirit to create new ones, nor to delight in those that exist. Everything that could have been created has already been created. Everything created is born old. The world has died.

What harm would there be in a small fetish, if it were like a tiny star in an absolutely dark, cold, wild, and indifferent sky?

How can I be the man who likes the girl who laughs at everything just as easily as the one who never laughs at all? How can I be the man who wants to hear the stories of the greatest and most cruel executioner who ever lived—to hear of his victories, sufferings, and triumphs—while on the other side, a young man so sweet, gentle, and effeminate approaches? How can I be the man who wants to see what lies behind every mask? To see what is in the soul of everyone without fear or prejudice. Behind the mask of the prostitute. Behind the mask of the madman. Behind the mask of the saint. Behind the mask of the criminal. Behind the mask of the suicide.

Our only consolation, whether honest or dishonest, is to try and turn things upside down just a little. The only prize is that there was no prize. The only love or romance is that there was none, only sparks. The only glory or remembrance is that no memory or legacy was left behind.

Such an excess of melancholy. Such an excess of flesh. Could it be the final spice, the spiciest and most irresistible? That life is an infinite suffering and an infinite misery is indisputable. But is there nothing in the world that pays a fair price or compensates for this suffering? Something that always materializes in brown or tanned skin. Always in the contrast between a pale color and black. Eyes that are always sensual. Infinite suffering or misery could only be compensated for by a sensuality just as brutal.

The libido, which many consider a scandal or a sin, is the only thing that peels back and reveals the mysteries of this world. Our world is an immense lie, a great farce that only shows a small and temporary truth when the libido drips. Libido is the only good and true thing that exists in the world. Sexual desire purifies the individual and the world.

A single desire would be salvation, even if infinitely solitary. A single desire would be salvation, even if madly or cruelly shared.

Even if they close their eyes, the Sun will not stop shining.

Even if they close their eyes, the Moon dances, mysterious and sensual.

Just as the Sun and the Moon possess different beauties, love and solitude possess different beauties. One girl has the radiance of the sun. The other has the glow of the moon. The beauty of shadows and caves is different from the beauty of light beams and mirrors. Just as the beauty of life is different from that of death.

I cannot wait for desire to be born. If I do, it will be too late.

God is always seen and associated with the image of a man. Why never a woman? What is it about a woman that is not noble or honorable enough for her figure to represent the universe? She has the qualities of God without His flaws; she has the qualities of the Devil without his flaws. At the same time that she is kind, she is sensual.

The way she opened and flung the doors of her house for me—so wide, so open, so elastic, so stretched—just so my cat could be saved. Does this not refute the idea that all women are the same? Should this not be proof that not all women are of poor character or cowards?

My supposed intelligence or goodwill are merely a chain. My freedom is something heavier than the chains of prison or slavery. Because sometimes it points nowhere. Because sometimes it points its swords or arrows against itself.

She is a contradictory woman. For she surrendered her life to God. Yet, the way she laughs or grows enthusiastic is like that of girls who enjoy things that are spicy.

Solitude is not an ideal. It is not a solution, a salvation, or a protest. Solitude is neither good nor bad. Solitude—even if short, ephemeral, or psychological—is simply something inevitable. As inevitable as death.

I do not need to feel sad or like a failure. For all the melancholy I would not know how to say or write in words, he expressed in the form of music. All the beauty I would not know how to put into words is in her smile or in the way she perceives or notices me.

All the healing or salvation I would be incompetent or incapable of writing about lies in a feeling of tranquility or faith, even in the face of infinite solitude, or the greatest solitude that ever existed. Everything I could not or would not know how to say could be said with a hug, or in being noticed and perceived so serenely.

What is the sense in wanting to continue living a miserable life? It is an art. To go on living a miserable life until its natural end is like painting a picture using only black and white paint; it will never be ready or complete unless one goes to the very end—until the last brushstroke and signature. Cioran and Schopenhauer are our great artists. They are the greatest artists of all time.

Of all the things that exist in this world, only three were good in my life: my mother, my cat, and a couple of friends.

And the only good thing I could have done in my life was to try not to be a burden to them.

Every argument stands against life. Yet, life persists and continues in motion.

The greatest suffering is not the lack of choice, but having a choice. The greatest punishment is not imprisonment, but an excess of freedom.

What makes life interesting is being able to encounter others in their worst moments while we are at our best. What makes life sweet is being able to encounter others in their best moments while we are at our worst. The last thing one can do is wait for a miracle. It is to fight even without knowing tomorrow's outcome. To manage to have a friend or to be merely understood is already a miracle.

As time passes, the luster of their blood-stained gold and silver grows dimmer. I do not know if it is the shine of the gold that diminishes with time, or if it is just my eyes becoming more tired, old, disinterested, or indifferent. What seemed to be worth much now is worth little. What seemed to be worth much now is worth nothing.

There is no alternative but to fight. And always to wait.

The screams will not be heard. The protests will be ignored, forgotten, or ridiculed. The only thing that will remain or endure is faith. Everything in the world will die. Everything in the world has already died. But the only thing that remains alive is my faith.

What is a coward? It is one who judges others for that which is not their fault. It is one who judges others for what they cannot change. Who in life has never been a coward or unjust? Whether by a lack of choice or by an excess of sincerity and objectivity.

The greatest crime they committed was silence. Silence and absence were the worst crimes they could have committed.

How can one defeat something that does not exist or never existed? How can one defeat something that is too small to be perceived or pointed out? How can one defeat

something one cannot understand? How can one defeat something that is always changing, in motion, and never remains the same thing or in the same place?

How can one clip or forbid wings if they are everywhere? And if, without them, the world is nothing?

How can one defeat something that is merely the "I" itself? How can one defeat something that is only one's own words?

Their instinct is to defeat, topple, and destroy everything they see before them. Everything—except their own false superiority.

We ask ourselves: what should we have done to earn even a crumb from them, or their empty applause? In truth, they want nothing that is offered. They want nothing at all. And it is our mistake to blame ourselves for that.

What they say is of no importance. Their complaints have no meaning. They are merely the consequences of their own actions and choices, and we have nothing to do with them. They hold an absolute belief that their grievances or demands are seen as something serious, fundamental, or important to everyone, rather than provoking laughter or contempt. Laughter and contempt that are censored or frowned upon, as if these people were superior human beings or intrinsically better than others. Deep down, they do not want a solution; they only want to complain, to contaminate, and to trample on others. It is revolution for the sake of revolution—the empty revolution that destroys everything in this world except their own false sense of superiority. Is the foundation that moves the world not simply the paying back of one injustice with another? Yet, the world is always on their side. The world is always on the side of the cowards. Only their problems matter; ours do not. Only their problems are heard or carry weight. I wonder if the world doesn't care about our problems because it knows we are strong, or simply because the world is an infinitely ridiculous and despicable place.

Their pleasure—almost sexual in nature—comes precisely from fallacies, from passive-aggressive behavior, from empty revolutions, from conflict for the sake of conflict, and from gratuitous cowardice. If everything in the world were in order, they would feel bored; they would lose their reason for being and the justification for their existence. Thus, I come to the conclusion that the meaning of life for them is simply to get in the way of those who are quiet in their own corner or happy. The meaning of their lives is to negate the lives of others, regardless of whether it brings them any benefit or harm, save for a sense of superiority. The meaning of their lives does not orbit their own life, but the lives of others. That is why they observe even that which was never done, never said, or does not exist. That is why even silence or nothingness is something that bothers them.

Yes, they are very much superior to me. They are forced to frequent the same places. They are forced to eat the same food. My only curiosity is to know if their masturbation is the same as mine, or what it is like. Even so, my concern or discomfort regarding their sexual life is minimal to non-existent.

When one does the same thing they do, one is punished with hysterical laughter, with estrangement, and with faces of disgust and contempt. With the deepest loneliness. Precisely for offering them only the same thing they offer: nothing.

Regardless of whether it is our fault or theirs, being with them or letting them lead us never leads anywhere.

This is the asymmetry that moves the world. The world has the right to never offer anything, yet to demand everything from the individual. For the vast majority of people, the things of the world have no value or importance if they do not offer in exchange some crumb, some alms, some false promise, or some false salvation. The fuel of the world is blackmail and manipulation. But what is to be done when those crumbs, alms, false promises, or salvations lose their shine, value, or importance entirely?

What is to be done when the body—once sold or prostituted for next to nothing—now accepts no price at all?

Everyone defends what is convenient for them. Some liars are applauded, while others are marginalized. All the borders and divisions that exist in the world are false.

Divisions have always existed in the world: the strong and the weak; the just and the unjust; the rich and the poor; the virgins and the prostitutes. But why have such divisions always existed and why will they continue to do so? These divisions are false not only because what is strength to some may seem like weakness or cowardice to others; what is just for many depends on the circumstances or who the victim or beneficiary is; what is valuable to some is mere ostentation and uselessness to others; what is truth for some is a lie for others—or a matter of survival, education, or omission. Furthermore, not all acts cause the imagined pleasures, and sometimes the imagination causes more pleasure; prostituting the soul can be something more carnal than prostituting the body. These divisions are false not only because each individual can judge, see, or consider them in different ways, but primarily because they point toward something in reality or in the world that does not exist—something that is arbitrary or without intrinsic value. Depending on who is judging, the hero can always be the villain or vice versa. Such distinctions have always been useful and important in the history of humanity, especially for mediocre spirits, since they cannot feel happy or satisfied if they are not trampling on someone or feeling superior to them, even if they themselves are nothing.

I no longer want to be an idol in a place where there are no more idols, and in a world where idols have become unnecessary. With pornography, everyone has become their own prostitute. With the commerce of religion, everyone has become their own God. With the fall of God and of all centralizing, unique, or universal narratives, freedom has become the only absolute and sacred ideal—even if it leads nowhere, even if it is heavier than iron chains or slavery itself. Even if such freedom destroys all things, and even itself. Today, the absurd has become normal, merely a matter of personal or private taste; and those who judge become the insensitive, the intolerant, the outdated, or the cowards of the story. Freedom finds its last refuge or salvation not in sex or masturbation, but in the flowering or the beginning of a desire or libido, even if they are never realized. Not even this vital impulse escaped unscathed from the fall of all

absolute and universal truths—from the fall of God. It is merely the last to fall, but it falls. Not even it carries anything absolute or intrinsic within itself.

If dividing the things of the world between those that exist and those that do not exists causes confusion, doubt, or circular arguments, then, to simplify, we could say the following: Nothing in the world has intrinsic value, meaning, or importance, regardless of whether it exists or not. Regardless of whether it precedes existence or not.

Is love something that enriches life, or merely something that makes it more melancholy? Love is rarely a pure feeling. It can carry with it a certain guilt, a sense of helplessness, frustration, anger, shame, longing, and so on.

I have nothing to complain about regarding God. As long as He wishes to gift me, I will accept. And when He does not, I will not be ungrateful.

There is nothing else in the world but arbitrariness and labyrinths. Behind them, there is no truth, reality, fact, or evidence—only more arbitrariness and more labyrinths. Our only question is knowing whether there is any desire behind these arbitrarinesses and labyrinths.

The good side of this story is that the world has never changed. And it never will.

The characters always remain the same: cowards who are worth nothing but think they are worth much; villains or executioners who still have a noble, just, or human side; prostitutes who speak or show things sweeter than their bodies could ever offer. Salvation that is so banal, ephemeral, or unexpected. Purification whose sacred liquid is the libido. The small or isolated individual whose only allies are time, nature, desire, imagination, faith, and will.

They think they are causing suffering, but they are only strengthening. They think they are hindering, but they are only helping or being insignificant. They think they are showing who others are; but in truth, they are only showing who they are. They are no one. They are nothing.

They think the crudest or the most cowardly always survives. But sometimes it is the smartest who survives—the quietest. The one who achieved the best metamorphosis survives. The lightest, or even the most colorful. The one who hibernated the longest and had the most time to dream survives.

Worms and rats rule the world. But there are also butterflies with blue wings. There are chameleons that are neither one thing nor another. There are beasts that know the right time to be docile or cowardly. There are beings that cannot be captured or caged. There are beings that rule and exist in the unknown, in the darkness.

Everything they think they are doing or causing is, in fact, triggering the opposite. Because not everyone in the world is a coward like them. Because not everyone has something to lose or gain like they do. Because that which they judge to be the worst thing in the world or the greatest punishment... others judge as if it were merely a favor, a prize, a kindness, a present, or a gift.

Regardless of what they are or cease to be, I simply distance myself and let them amuse themselves with one another, without judging them. I do not want to hear their voices or complaints; I do not participate in their game; I do not belong to their pack. My level is neither better nor worse than theirs—merely different, so that I may afford myself the luxury of not being contaminated.

There is an asymmetry between what they think they are causing and what they actually cause. Between who they think they are and how they are seen.

Their only defense? To vomit absolute and unquestionable truths. Lies imposed upon everyone, which everyone must believe. Complaints or sufferings that are worth more than those of others.

He who does not believe in the lies shared by everyone is frowned upon, expelled, or abandoned. Because no one has the patience or the courage to see others as they truly are, beyond masks or social conventions.

So many distinctions were created in the world, yet the destiny of everyone remains the same: absolute silence and eternal oblivion.

The only rule in this world without rules is that there will always be someone stronger. There will always be someone crazier. There will always be someone more indifferent. And, consequently, there will always be someone more human or more lovable.

They cannot stop me. No matter how much they trample on me. They cannot silence me. No matter how much silence they offer.

In this battle, I do not fight on the same field as they do. I do not fight with their weapons. I do not fight for their objectives, purposes, or motivations. I fight for something they will never be able to understand or accept.

How can they defeat me if they cannot understand me, nor themselves? How can they defeat me if I am merely their own shadow? Without me, they are superior to no one. Without me, they are nothing.

How can one defeat something that is absurd? How can one defeat something that does not exist, or never existed? How can one defeat one's own shadow? But the instinct of the cowardly, authoritarian dictator always speaks loudest.

I am merely the shadow they try to flee. I am merely the light they try to hide from. I am merely an non-existent idea they try to prove does not exist. I am the nothingness that offends or bothers them. I am merely an idea that has no ego to feel humiliated or ridiculed.

I do not want to be better or worse than anyone. I only want to paint a picture with new and different colors. I only want to write a diary or poetry with words that will never be read or understood. I want only that which is so easy, simple, and indispensable, yet impossible for anyone to give.

They are afraid of the darkness. But the world is nothing if not an immense darkness. They are afraid of death. But they are much more afraid of living, and of life itself.

They are afraid of the truth. But the only things that exist in the world are lies. They fight against injustices—but only against the injustices they suffer, never against the injustices they cause.

They may judge me. But they will never know who I am, my soul, or what I feel. We all seek salvation, but through opposite paths. They may judge me. But not everyone seeks the same things. Not everyone sees things the same way. We all seek salvation. But not in the same place.

The only thing that comforts my heart is knowing that they will all fall by their own swords or shields. In this ridiculous and miserable world, my only friend and ally is time.

There are many advantages to being just another small and cowardly dictator. But eventually, the joke loses its humor. Eventually, the banquet sickens or wearies the soul. Eventually, the body and soul tire of battles that lead nowhere and of trophies made of fool's gold or straw.

The path they enjoy is the path of alms and crumbs, as if they were rats. As for me, I prefer the path of cats. Always so sweet, quiet, and stealthy.

Some need the shadows to heal. While others need the light.

The only things that exist within them are absolute truths and unquestionable realities of little value. To level oneself with them is not to renounce truth or reality, but to renounce life itself. To level oneself with them is to renounce the will to put every wanderer or coward in their place.

They are the murderers of saints and of gods who never existed. They are the photographers of prostitutes who could have been born, but never were. They are the dictators who want to trample, humiliate, silence, despise, and ignore, yet they haven't realized that in this world, nothing is left to be destroyed: except for their own false superiority.

Truth is something that depends more on the subjects than on reality or things. What is real or important to some may be non-existent or unimportant to others.

They will never be able to understand that their jokes, to many, are not funny at all. They will never be able to understand that the jokes they try to hide, many find funny or identical to their own. They will never be able to understand that there isn't only one type of audience. And most importantly and fundamentally: they will never be able to understand that their complaints sound to many like a joke, and the more they complain, the more others die of laughter inside. Because they cannot smile on the outside, nor celebrate, ironize, or say anything.

There is only one thing in this world they are not afraid of: judging others. Judging others without knowing them. Judging others without knowing themselves.

Their laughter is no longer something that humiliates or offends me. On the contrary. It is something that could awaken my curiosity to know what fits in those wide mouths, or the horizon of those clumsy or indiscreet voices. I could begin to romanticize or imagine the way they feed, move, suffer, juggle, or become excited.

If it depended on them, there would be only one audience or one truth. Only one joke. There is nothing in the world they hate more than plurality, multiplicity, or a diversity of opinions.

There is nothing they hate, detest, or despise more than when someone scorns or questions their absolute, universal, and untouchable truths.

No dictator or emperor is invincible. At the same time that I am falling, my libido finds its apex. At the same time that I am dying, my desire is growing. And the more I am cast onto the margins of loneliness, the more I want to resist. The more I want to speak. The more I want to scream. The more I want to fight. The more I want to fight the endless, prizeless war that is life. The less silenced or ignored I want to be.

They may even silence and shut others down with their absolute truths and realities. The question is: for how long?

Sometimes freedom is heavier than iron chains.

Why are they allowed to smile at whatever they wish while others are not? What makes them better than anyone else? What is in them that makes them superior human beings, or exempt from the very weapons they use? Better than those who have a brain to think or a heart to judge? How can they impose so much if they seem to have neither brain nor heart?

In this circus called existence, no one is better than anyone else. Everyone is just a character with a different audience. Life is just a great joke. A joke with no humor or importance.

Is there nothing good in them? Unlike them—who enjoy judging the world by dividing people into dictators and slaves, oppressors and oppressed—could I not judge their behavior aesthetically, as if it were a canvas or a painting? Their behavior, however disloyal or mediocre it may be, cannot be an excuse or a pretext for me to claim a supposed superiority. No one is better than anyone else in this circus, for we only have a different audience.

As long as they feel sexual desire, however small it may be, all the mistakes they have made or the things they failed to do will be forgiven, purified, or will simply become insignificant. It is only in the moment when sexual desire arises or emerges that life manages to find its only essence, truth, and purpose—even if such desire never materializes or is never put into practice. Desire is more important than the act itself, for without desire, the act loses its meaning or importance, reducing itself to something mechanical. Desire is more important than reality.

For the most part, the truths and the reality that constitute the world are just a great mask. A mask that reveals neither who created it nor the faces upon which it is imposed.

Though "truth" and "reality" are sweet and irresistible words, they do not reveal the essence of the subject. Our only concern is with the subject. Not with reality or truth.

If I were to say that they are wrong and I am right, I would end up becoming just like them. If they find excitement in despising, humiliating, and ignoring, I find my excitement in forgiving them.

The problem is not only when a desire is never realized, but also when it ceases to exist.

There are two types of people in the world: those who enjoy judging by masks and social conventions, and those who want to see what lies behind every mask. But how could someone without a face—or someone with nothing behind their mask—judge someone who has a real face, even if it is coarse or crude?

How generous or optimistic it is to believe that life oscillates like a pendulum between good and bad moments. In truth, that pendulum seems to swing toward only one place. The suffering or despair is so great that it ends up causing a kind of fainting, forgetfulness, unconsciousness, drowsiness, or ecstasy. The only thing that exists is suffering feeding on suffering. Despair racing toward despair. Loneliness whose only companion, passion, or love is loneliness itself. A nothingness that, to be sustained, must have as its very foundation or bedrock: nothingness.

The only things that exist in the world are thieves robbing thieves. Parasites preying on other parasites. Traps upon traps.

The world works this way. It is merely metaphors upon metaphors. When one tries to unravel each metaphor or the place to which they lead, there are only more metaphors. There is no absolute or universal meaning. There is no intrinsic or immutable truth. There are no evident or obvious facts or data. There is no rigid, fixed, or rigorous sense. There is nothing but metaphors of metaphors. Roots or rhizomes growing over other roots or rhizomes. The subject, the object, and the relationship between them are all a metaphor. What we call "reality" is but a small and insignificant fragment of something infinitely complex.

I do not know if I like this world driven by blackmail. Blackmail for money. Sexual blackmail.

Salvation or purification arises when sexual desire begins to grow or flourish—even if it is never realized or put into practice. Sexual desire is the only good thing, the thing that purifies the world. Purification against errors, injustices, mediocrity, or sin arises when sexual desire begins to bloom.

Surely they must amuse themselves in their tenement while they speculate about the sexual lives of others. Without them, the useless circus would be less amusing. Without them, the reheated food would have less spice.

That they are weak, cowardly, and unjust, we all know. But I ask myself: is there nothing good in them? Do they have no libido? No moments when this sexual desire begins to be born, to bloom, to grow, or to expand? That is something beautiful. That is their forgiveness.

What moves them is not their own benefit, but the harm of others.

They are afraid of the light. But they do not realize that everywhere they look, there is the sea or butterflies reflecting the brightness of the sun—or something with the potential to do so, however ephemeral, insignificant, or small it may be. They are afraid of change and of hope.

For them, that which does not exist is more important than that which does. For them, their judgments are absolute and universal truths. Truths thirsty for oppression, humiliation, ridicule, and contempt—truths used to trample and diminish others.

For a long time, they deceived me. For a long time, they enslaved me. But I realized that these attributes do not belong to reality, to language, nor even to me. These are attributes primarily theirs. It is their poison, and instead of drinking it, I leave it for them to drink and gorge themselves upon.

The judge is as despicable as the judged. The judge is always an accomplice to the judged. Without one, the other does not exist. Without the judged, the judge loses his delight, pleasure, and superiority in judging.

I do my part. I distance myself or isolate myself while I simply watch them clash or "amuse" themselves among one another with their ideas, lies, and premises. I do not contaminate myself with anything they believe. And I do not contaminate myself with anything they say or demand.

Everything would be less amusing if they did not try to socialize their misfortunes and privatize their privileges or benefits—thinking that because the majority believes in something, it becomes an absolute and universal truth, a synonym for justice, or something intrinsically important.

It took me a long time to understand that listening to them is a mistake. It took me a long time to understand that taking them seriously is a mistake. Their demands are always cowardly. Their impositions only serve to defend one side, and always the most mediocre one. I realized that they only see themselves. I realized they are false by nature. To them, the truth resembles madness.

What difference does it make to survive? What difference does it make to have a girlfriend?

If God died, He took all His substitutes with Him: money, fame, sex, reputation, knowledge, work, revolutions, evolutions, and the State. In this world, nothing seems to have meaning or importance anymore. There is no intrinsic or absolute value in life, money, character, knowledge, reality, truth, sex, reason, or anything else. My only doubt or hesitation is whether it exists in faith. Not in a futile or sold-out faith, but in a faith that does not bow even if the whole world were against it.

It is a faith that does not serve to oppress, as Cioran or Nietzsche might say. Rather, it is a faith that serves to resist.

They are stronger and they are greater in number. So why do they still let me fight? Because without me, there is no one they can ignore or ridicule. Without me, there is no one to confront or challenge them. Without me, there is no courage. Without me, there is no one to desire or love them. Without me, there is no one capable of defeating them—even if it is a war they cannot rightly see or understand. It is a war against oneself.

It is a theater and a farce to deceive death and loneliness.

The easiest, most "profitable," and efficient solution is also the most cowardly. The quick, instantaneous, and pragmatic salvation is also the most dishonorable. The shortcut does not seem to be the solution, but merely one more shadow among the infinite shadows that exist in the world. The shortcut has nothing useful about it that should be idealized or desired. The shortcut has nothing special enough to be romanticized or treated as an absolute or universal solution.

We must be honest in admitting that "not everyone is afraid of the dark." However, darkness does not exist in itself; it is merely the absence of light.

They want to be the dictators of the world. But no one needs them or misses them. They want to be the owners of truth and reality. But that is not possible using only silence or absence as a weapon.

Whoever loves or enjoys solitude will never be their friend or ally.

Regardless of my mistakes or who I may be, I don't think I made it this far for nothing. Their mistake is thinking that to win, everyone needs to be just like them or do the same things they do. They think everyone wants to be the next dictator or foreman, just as they are. Their mistake is thinking that the coward always survives, instead of the lightest, the most colorful, or the dormant. Their mistake is thinking that everyone wants to win at any cost, or that winning even means anything. Their mistake is thinking that everyone is as cowardly or miserable as they are. But we are all in search of salvation, even if we follow opposite paths.

True "superiority" or "victory" seems to be reaching a destination without needing to cowardly trample on or humiliate anyone. But what is to be done when honest people must be unjust to survive? When people born to be free must live in cages? The price of survival is sometimes not wanting to exist. The price of survival is sometimes becoming a completely empty, futile, and disposable being. It is not possible to exist without surviving, but surviving demands a price, a time, and an effort so high that sometimes it makes living or existing impossible.

Once the soul has already been sold, it seems there is no place left to go. There isn't much left to be done. No hope remains, no shield or crutch. No relief or illusion.

Little or nothing is left that can still be destroyed. I am left only to kick a few stones and think they make a noise. But I know it is useless.

This faith has nothing to do with God or religion. It is merely about continuing to do what one loves. About being a musician in a world where everyone was born deaf.

About being a painter and painting the most colorful canvases in a land where everyone was born blind.

They believe that the only way to achieve freedom or salvation is through cowardice, injustice, prejudice, and discrimination. And there is no one in the world capable of making them change their minds, not even the most solid argument or evidence.

The hard answer is that I do not need them. The hard answer is that the world does not need them. And that is exactly why they think they are superior! These petty dictators waste so much time and energy trying to harm others that they end up forgetting to walk or even to feed themselves.

Their mistake is thinking that anyone cares about them—that anyone wants to hear their complaints and demands or thinks they are important. Only those of their own pack or gang care, and they do not represent the will of the world nor any kind of unanimity.

They love to destroy or deconstruct things, but only what is convenient. Never their own. Even they have already realized that there is nothing left that can be built or destroyed. Nothing left to be built or destroyed.

The greatest injustice of life is that the sweet, sublime, elevated, or enlightened feelings are the easiest to be forgotten.

The only punishment is that there are no more punishments. The only war is that there is nothing left to fight for. My only and final fear is to stop feeling fear.

There are infinite places in the world. But they are all always empty. Yet, there is no will or curiosity to visit them.

Even though they are cowardly, unjust, cruel, and indifferent, there is something good in them: their skin. Their saliva. Their skin and their scent end up becoming the paradise of all those who try to murder time, and the non-existent gods and angels.

They always want to attack others at any cost. They demonstrate not strength, but cowardice. They do not strengthen the ideals or ideas they defend; instead, they drag them through the mud. They do not show superiority, but mediocrity.

The invisible sufferings that exist in the world are infinitely greater than those that can be seen, pointed out, or ridiculed.

The good side of life is that no one is superior enough to cheat death forever. The good side of life is that sometimes contempt or indifference has no effect. The good side of life is that there will always be subjects much better and much worse than me.

If no one cares about my feelings, why should I care about theirs?

Sometimes what is most seen, famous, or popular is precisely what is worth the least—or nothing at all. Not everything was made to be seen. Not everything was made to be loved. Not everything was made to receive crumbs or applause from an empty world that is worth nothing.

One does not need to believe in God to have faith. One only needs to keep doing what they love.

I am neither a good person nor a bad one. I came only to unmask. Those who have nothing to hide love me. Those who do, hate me.

I do not desire revenge, suffering, or punishment for them, but rather all the good things in the world—provided they are at the greatest possible distance.

My only quality is that I need very little to be happy. I need nothing to be happy. Only a little solitude, walking in nature, or looking at the Sun. Even the flight of an ephemeral butterfly can be the most beautiful or important thing one has seen in a lifetime, or in the world.

I do not want to treat life as a competition to see who is happier or morally superior. Life continues to exist whether happy or unhappy, superior or inferior. Whether remembered or forgotten. Life continues to exist whether it is great, small, or mediocre.

Life continues to exist. Its seasoning is misunderstanding, distance, and solitude. Its seasoning is the absence of everything that is sacred, important, or indispensable. Its seasoning is that which pushes away instead of pulling close; it is that which is unseen or invisible instead of being welcomed or understood.

The seasoning of life is always having someone who thinks the victim is always the guilty one. The seasoning of life is being treated in the opposite way of what was expected. It is watching the victim slowly transform into the culprit. The seasoning of life is being neither victim nor culprit, but both.

The seasoning of life is to continue desiring, even if alone. The seasoning of life is to never feel alone, even though one is always alone.

Does carrying so many boxes make any difference? Does saying so many things make any difference? It does not matter if it is bad, good, or useless—my will is to continue. The reward or the rest do not matter. My will does not care about the world; it is blind. My will speaks for itself. My will is the only reality or truth I can know of the world, and anything outside of it is nothing greater than it.

The metaphor is not allegorical or metaphysical. Rather, it concerns someone who has no reason to live. Sacrifice or work do not become a punishment, but a relief. A relief to forget one's own existence. To forget everything, even time itself. A relief to forget that outside of humiliation or sacrifice, there is absolutely nothing. And this nothingness causes more suffering than any suffering or humiliation that exists in the world. A nothingness that takes with it everything the individual is. The easiest, most practical, and theoretically most efficient choice is, ironically, the most cowardly, dishonest, and fragile.

I neither lie nor speak the truth. I simply do something and let their reaction say who they are. I let their silence and their absence of action say who they are or what they feel.

Lies are important. And not knowing this only makes the game more magical, naive, interesting, serious, or important.

They think that talking about others says nothing about themselves. They think that talking about reality says nothing about themselves. They think that not speaking or not acting says nothing about themselves.

They are being judged and observed in the same way they judge others. But not everyone is an ill-mannered coward.

People protest against the injustices they suffer. Never against the injustices they cause.

What they deserve to receive is something I leave in the hands of God or of chaos. But I do not want to see, know, hear, or speak of it. I only want to forget that they all exist, along with all their sufferings. I do not want to hear a thing about them.

They are free to say "no" or not to act, just as I am free to remain deaf or blind.

The soul is a volatile thing. What causes happiness and pleasure in one moment might not in another. What causes suffering or humiliation in one moment might not in another. Thus, there is an eternal war and conflict between the body and the soul, always in motion against a language that is forever cold, lukewarm, dead, petty, cynical, and hypocritical.

Sex is not something that contaminates the world, but something that purifies it. And anything with the slightest trace or contamination of something sexual is a good thing, not a bad one. The only pure thing that exists in the world is sex. It is as if the world were a bad and despicable place, and the emergence of something sexual is the only good, pure, or divine thing that can happen or illuminate it.

The vast majority of the "reality" and the "truths" of this world were made by resentful and mediocre subjects. They persist because there is nothing in this world that naive, scoundrel, cowardly, and indifferent individuals love more than universal and absolute truths.

Their "truth" is a "comedy" to me. Their "reality" I call "madness." Their right is my wrong. Their "God"—devoid of soul, possessing only a body and a voluptuous scent—has become ineffective, futile, and ephemeral to me. Their "salvation," their "idolatry," their "path," their "great profit and advantage," or their "victory," I call "slavery," a "failure," a "defeat," a "shame," a "sewer," and the most absolute and prostituted "intellectual dishonesty."

Language is not a neutral tool. It is intrinsically cynical, petty, and hypocritical.

This text is deeply philosophical and carries a heavy, existentialist tone. Below is a translation that preserves its cynical, reflective, and somewhat defiant essence.

It is impossible to say anything about reality or truth without a 'contamination' or trace of cynicism or hypocrisy, both of which are inherent and intrinsic to language itself or to the human being.

All the injustices and inefficiencies that exist in the world, when 'contaminated' or touched by a trace of the sexual, seem to find their forgiveness.

I didn't want to hide behind anything. Not behind money, the State, sex, a profession, or my character. But I ask myself: why should I give up my faith? A faith that does not serve to enslave, but to liberate. A faith that does not serve to oppress, but to resist.

If God fell, He took with Him everything that sought to be His shadow or substitute: money, the State, sex, science, justice, and knowledge. Nothing else in this world seems to have meaning, value, or importance anymore.

'Nothingness' is a feeling that causes me both comfort and disturbance at once. To be nothing. To have nothing. To do nothing. To never have done anything.

I believe that happiness exists, but it is an absence. The absence of living among scoundrels, cowards, and the indifferent.

Nothingness is simultaneously a truth and a lie. It is, at once, living and dying.

Life is just one big joke. A joke that isn't funny and doesn't matter.

I have character and goodwill. But love seems not only impossible but non-existent. There is nothing else in the world people enjoy more than judging others for things that are banal, cowardly, base, petty, or totally non-existent.

In this world, people are judged more for what they do not do or have never done than for what they actually do. They are judged more for what they are not than for what they are.

Not everything in this world is bad; there are its distractions. But what is to be done when these distractions lose their charm, their value, or their meaning? When they become a burden, a necessary evil, a duty.

That which is worth a great deal to them is worth nothing to me. What is worth a great deal to me is worth absolutely nothing to them. What they call 'tragedy,' I call 'comedy.' What they call 'salvation' or 'freedom,' I call 'slavery' or 'hell.' What they think is the worst thing in the world is, for me, the best. They always think they are hindering, but in truth, they are helping or being insignificant.

The things they use to judge, humiliate, diminish, or despise others are, to me, baseless judgments—banal, without value or importance. Their 'punishment' is a favor or a gift because it reveals their character and their feelings, not just the identity of those they attack. They show who they are by attacking, by speaking, or even through silence. They are merely petty dictators who think themselves powerful. But they are nothing. The moral of the story is that we follow opposite paths.

Living among scoundrels, cowards, and the indifferent is something that contaminates.

Having respect is different from feeling fear.

And that which I consider the best thing in the world is, to them, the worst. They find it funny, but I find it sad. What they call a tragedy, I call a comedy.

The important thing in life is to have an ideal, no matter what it may be. Right or wrong, efficient or inefficient, weak or strong, winner or loser—these are distinctions, notions, and things that do not exist. These distinctions do not exist because there will always be people opposed to one another, both in their way of thinking and their way of living. And because, in life, there is no absolute rule or criterion.

Certainly, the prostitute is the noblest being in society, and her profession is the most useful, important, and essential. To do what they do requires a fluidity of soul or consciousness and a high degree of aesthetics that even the most skilled and talented artist would not possess.

The only reward in this life will be looking at the sunset. And remembering a hug, even if all your feelings have already been forgotten.

When she becomes naked, the dream transforms into reality. When she becomes naked, reality transforms into a dream.

I like the border between dream and reality. I like the border between silence and a groan. I like the border between what is sexual and what is not. I am he who is neither one thing nor the other, neither one word nor another, but is always on the frontier between things and words.

What excites me most is not her nudity. It is the way she touches the other's hair. The way she looks or opens her mouth. What excites me most is not the sex, but the tiny details—her voice. The things that excite me most are the middle ground, or those that stay on the border between what is sexual and what is not.

Life is one big orgy, improvisation, and *gambiarra* [makeshift fix]. Those who do not prostitute their own bodies end up having to prostitute their souls to survive. To prostitute or sell one's own soul, or mental and intellectual strength, is something more immoral, sexual, or carnal than prostituting the body itself would be.

The only thing one can do is relax. And let the imagination dominate every part of the body, every cell.

The greatest mistake I made in life was thinking that their words or their language had intrinsic or absolute value in themselves. It was thinking that their traps, their labels, and their tools would also be useful to me.

The greatest mistake I made in life was holding their hand, thinking they would lead me somewhere. They don't want to go anywhere. They are nobody. Yet they think everyone must conceive of the world or feel in the same way they do. They think everyone must follow their path.

We are born only to try to deceive others and ourselves.

In this world that is worth nothing, it is not only God, heaven, or hell that do not exist, have ceased to exist, or remain unseen—but also all their substitutes, including sex, money, knowledge, or survival itself. There is simply nowhere left to hide. Stability, security, or salvation—no matter the means or the end—are things that no longer exist. They are things or ideas that fell along with God.

Little or nothing remains that can be destroyed. And even less can be built.

Even if I were alone in the world, I enjoy my own company. I enjoy the presence of God.

So many humiliations, conflicts, and struggles, only for everyone's destiny to be the same in the end: to be embraced by death and oblivion.

The justification, the reason, or the motivation for beauty or strength is despair. Everything in this world, even those things that seem good, has as its essence or substrate a bad or negative feeling.

To be mediocre in order to survive. To be aggressive in order to survive. Rules, truth, beauty, and reality change according to circumstances, conditions, and pressure.

This world is full of contradictions, lies, and absurdities. It is not up to us to naively try to explain things or justify anything. It is only up to us to increase the chaos, to confuse.

Even if everything falls, the beauty of the sky will still remain. The beauty of a hug will still remain.

I wonder how she feels when desire within her begins to rise or grow.

While everyone flees from the predator because, in their miserable lives, they have no choice and are driven by necessity, we wait for it with open arms. Not just arms, but perhaps even with legs open. And in the face of the worst thing that exists in the world or in life, what is left for us to do? Only one last joke that isn't funny.

It doesn't matter if one is a virgin or a prostitute, rich or poor, honest or a criminal, a saint or the worst person who ever lived. Death makes no concessions. It is simply more patient with some and less with others. And after it, there is absolutely nothing.

Non-existence is above and below existence and essence.

The world is dead. Why can I not persevere and still want to live?

If there is a single salvation in this world, would it be God? Or a feeling of absolute peace, even while being nobody or having nothing.

Nothing in the world has intrinsic or absolute value in itself. Not money, nor sex, nor knowledge, nor life or existence itself. Such things, which to some may be worth a great deal, to others may be worth little or absolutely nothing at all.

The only refuge against which I have no arguments is faith.

They are going to lose this war—not because I am better than them, but because they will fall on their own. They will lose because time is totally indifferent and unbeatable.

Life will always continue to be something without meaning or importance, no matter what one tries to do or where one tries to flee. There is no possibility of creating meaning or purpose for life, only lies. The meaning of life is that it is a meaningless, unimportant nothingness, and there is nowhere to run or hide.

I try to forgive my enemies. I try to see the qualities of the prostitute beyond her body. I try to treat the beggar with dignity or humanity. But I have the impression that being the best or the worst person who ever existed in this world makes no difference. One day we will all disappear. One day we will all be forgotten.

The world rewards a certain type of character, personality, and habit that is not the most just, honest, or ethical. The great paradox of managing to survive or exist as a human being is acting as an inhuman being at times. The great paradox is that the price of survival is giving up existence or living.

That which is important to them is worth nothing to me. That which I find important is worth nothing to them. What they call 'truth,' I call a 'lie.' What they call 'madness' or 'dreams,' I call 'reality.'

I am not afraid of any category they try to fit me into or classify me by, because my purpose is different from theirs. I am neither good nor evil; I came only to unmask the others. Those who have nothing to hide love me. Those who do hate me.

What makes me happy is that I don't need any weapon to fight them. They all fall on their own. My weapon is simply time.

When life is an infinite humiliation, wouldn't it be hypocrisy to say it is important or worth it? And even if one had to resort to God, that is a question that only the individual themselves could answer. I speak of things about which only the individuals involved can make their own decisions or draw their own conclusions.

There is little or nothing left that could be destroyed. Pornography emerged. God became merely an ephemeral reflection or a trinket. What was always seen as ridiculous, absurd, or unacceptable is today seen as something normal, or a decision of the individual that is totally respected. Nowadays, everyone has become their own God. A god who can do everything and, at the same time, can do nothing.

There is little or nothing left that can be built. The great 'solution' or 'salvation' has become something futile, just as the existence of paradise or God is considered. It does not matter if this 'solution' or 'salvation' is economic, sexual, or social. All of them are now seen as non-existent or viewed with skepticism.

We live in a moment where the important thing is no longer to know or to unveil the unknown. Knowing or understanding things has become a matter of indifference. Knowledge, wisdom, and culture have lost the intrinsic value they always held throughout human history.

What we have, what remains, are only desires that emerge and disappear.

We are standing before a new human being, a new man with a totally different posture. All the truths once spoken or imposed have already been forgotten or overthrown. But, at the very least, he has not yet forgotten the value of a hug or of looking someone in the eyes.

Knowledge has remained the same, but the subject's stance toward that knowledge has changed radically. Now, no knowledge has intrinsic value or value in itself. And perhaps, not even the mental or cognitive faculties that sustain it represent an advantage or reward for the individual. Perhaps, they are actually his burden and disadvantage.

We have reached the moment where philosophy has died.

Between essence and existence, non-existence always prevails.

It would be so good if money could solve all the problems and tensions of the world. But it is just one more distraction among so many others to help us forget how miserable and useless existence is.

There is nothing in life that makes it special. Except for gaining the awareness that it is nothing.

In this world, there are many immanent and powerful people. But none of them is greater than time. The time that sweeps them into total and absolute oblivion. In this world, my only friend and idol is time. The time that destroys us all without any suffering, pain, or vengeance.

This same time, despite being cruel and invincible, reminds me that everything about her body is lysergic and delicious. Her voice is an irresistible melody. Her armpit more pleasurable than Adam's apple.

The only salvation is that there is no salvation. The only meaning is that there is no meaning. The only truth is that there is no truth. The only rule is that there are no rules. The final humiliation is that there are no more humiliations. The final fear is to stop feeling fear.

No solution can be given because it does not exist. No path can be pointed out. Because every step taken is already a path in itself.

If I cannot manage to get anywhere, there is no problem. What matters are the feelings it causes me. What matters are the memories it rekindles. I can say that I do not wander through places, but places wander through me.

They think they are punishing me, but they are only helping me. They think they are helping me, but they are only punishing me.

They think they are punishing me or harming me. But it feels like something small, indifferent, or insignificant. They think they are rewarding me, but to me, their trophy or prize is something worthless.

I have come a long way. And I wanted to believe it wasn't in vain or by chance. I don't mind continuing to walk. I don't need to struggle to have what I need—for what I need is the opposite of what they need.

This world was made to applaud things that are vile, despicable, inefficient, and without any value. It is impossible to take this world seriously, even with all its cowardice, provocations, and psychological pressures.

What they call 'salvation' or 'paradise,' I call 'slavery' or 'misery.' What they call 'justice,' I call 'vengeance.' What they call 'love' or 'sex,' I call simply 'selfishness' or 'opportunism.'

In this world—or this brief passage and journey—I do not want to cling to anything or anyone.

What keeps me alive is not so much my fear of death, but my indifference. She knocks on the door and I do not open it. I do not look into her beautiful eyes because I do not care. But I confess that I like to imagine her company, and only she could understand me.

Until then, what can I do? What is to be done when all the jokes lose their humor?

I used to be a relativist, but I believed that life had intrinsic value or that value could be constructed. But today, that feeling or idea has crumbled. Today, I believe that life not only has no meaning, but that none can be created. No meaning or value can be created for life without the feeling that it is false. The point is that the absence of meaning should be seen as something positive, not a scandal.

I feel no fear when looking into the eyes of the lion, nor wonder when looking into the eyes of the butterfly. Having respect is different from feeling fear. Having courage is different from being a coward.

My philosophy is merely to exalt how deplorable or miserable this world is. It offers no solution or way out because no solution or way out exists. It does not say what must or should be done, for it seems that nothing must or should be done.

The only solution is to cling to vulgar and futile things to justify one's own existence. Sex, turmoil, money, fame. All of it is useless and worth nothing. Perhaps only God has some importance. Perhaps only the nothingness has some importance.

Even if I were the loneliest person who ever existed in this world, I would not feel loneliness. Even if I were the most provoked or challenged person in this world, I would not feel fear. And even if my eyes saw more colors or paintings than any other, they would remain completely blind.

Paradise, hell, and nothingness are here. After death, there is nothing. Life is merely a penance and a punishment.

Life is merely a great misfortune and misery with a few pinches of pleasure and distraction. Innocent desires and masturbation. Dreams that never come true. Things

that lose their importance. Friends and enemies who are forgotten. The body that craves one last hug, kiss, or interlaced fingers before sinking into the infinite.

And why is there no sex if she wants it? That is only part of the problem—perhaps the smallest part. There is a lack of privacy, of money, of time. There are insecurities, the fear of being ridiculed. There is a desire that is somewhat lukewarm and small, accompanied by sincerity. There is the fear of being punished.

What is the harm in admitting that sometimes I am just a little worm or insect that is worth nothing, but who wanted a bit of sex?

Some need the shadows to be healed. Others need the light.

The only hope or salvation is to treat others exactly as one is treated, regardless of who they are.

Everyone has a weakness. Everyone has a vulnerability—be it through excess or lack. True balance does not exist; it is only achieved in nothingness, in non-existence, or in death.

I don't need to hide behind anything. I don't need to hide behind money or hierarchies. I don't need to hide behind the State or some profession. Perhaps I only need to hide behind God. Or behind the nothingness.

Nothing remains that can be built or destroyed. Not even stones to be raised toward the infinite. Only a few pebbles are left, and I kick them in the hope that they make some noise.

Life is sometimes a battle without rewards or purpose. I could say that, at least, I don't carry the guilt of never having tried. I tried. But in the end, having tried or not having tried doesn't seem to be or mean much of anything.

The good side of this story is that before and after existence, the only thing that exists is peace, tranquility, and absolute serenity—regardless of one's character or the actions one took. Regardless of having been everything or nothing. Before and after existence, there exists only the purest and most sublime feeling, which can rarely be felt or experienced during life. Only before and after existence can everyone be seen and treated as equals. Only before and after existence does everyone become equal. Life is just a painful blink of an eye that receives as its prize the serenity and goodness of eternity.

They and I have nothing in common, only the will to live. That is already more than enough.

The only good side of this story is that it isn't said whether or not there is an exit in the labyrinth of solitude, though we seek it incessantly. Such a search is neither discouraged nor facilitated. It isn't said what must or must not be done to find the exit. If the exit were fixed or easy, life would lose its enchantment, its wit, or its charm. We all seek a salvation. Even if that salvation is the absence of salvation.

The world has nothing to lose. The individual, even less so. The world will always have more to lose than the individual themselves. After all, for such an individual, what is the world or life?

If there were an easy path or a fixed exit, life would lose its charm. If they existed, life could no longer be called life. All arguments are against life. But it seems that life is not made solely of arguments. Life is greater than any argument, logic, or reason.

Perhaps the greatest reward we could have received was not having received a single handout or crumb from this miserable world. Is there an escape from the labyrinth of solitude?

The only possibility or condition the world offered me was to fail. My only choice is between failing in a big or small way. Between failing through caution, through courage, through doing too much or doing nothing at all. Whether I want to fail in a brutal, elegant, or peaceful way.

The things that have no cost or charge no money always seem to be the ones capable of providing the best or worst experiences in life.

She destroyed me at no cost. He saved me at no cost.

Language and poetry have died. The world has died. Everything has died. And the only thing that remains alive is my melancholy. The only things that remain alive in me are the shadows that sometimes act as if they were lights, and the lights that sometimes act as shadows—much like faith. The refuges and hiding places that are sometimes near-holy wars, and the wars and confrontations that are merely a hiding place or refuge. The power that demonstrates only fear, weakness, or injustice. And ignorance. Merely something so small and ephemeral, yet so indestructible, irresistible, full, light, or dreaming. Something hard to deny, like the brightness of the Sun or the curiosity of the Moon.

Here ends my journey or voyage. I shook the hand of the prostitute, I shook the hand of the criminal, I shook the hand of the madman. But I am not superior to them. I shook the hand of the tyrant, I shook the hand of the executioner, I shook the hand of the king, I shook the hand of the beggar, I shook the hand of an angel, I shook the hand of the dreamer, I shook the hand of the clown, I shook the hand of the lonely. Not because I am better or worse than any of them. But simply because everything in this world is vanity. Simply because our destiny is the same.

Oblivion.

